

Traduzido pelo Ir. Aristides Zanella
Revisado pelo Ir. Virgílio J. Balestro

Agradecimentos

Este livro é resultado do trabalho de muitas mãos. Em primeiro lugar, quero agradecer aos Irmãos Maristas Stephen Farell, Romuald Gibson e Frederick McMahon. Quem estiver familiarizado com a obra do Ir. Stephen, intitulada: “*Realizações nas Profundezas*”; a tese de Romuald sobre a espiritualidade de Marcelino Champagnat, denominada: “*O Padre Champagnat: o homem e sua espiritualidade*”, e a vida do Fundador dos Irmãozinhos de Maria: *Mente Forte, Coração Terno*, do Irmão Frederick, não poderá deixar de notar a influência que esses três livros tiveram na produção deste breve texto. Sem as pesquisas e a clareza de exposição dos referidos estudiosos, o autor estaria perdido na hora de iniciar a escrever. As produções indicadas, além das cartas de Marcelino aos Irmãos e a outras pessoas, acrescidas dos Anais do Ir. Avito, constituem o corpo em que se baseia este opúsculo, destinado a um relato popular da vida de nosso Fundador.

Agradecimentos, também, ao Irmão Benito Arbués, Superior Geral, que me concedeu tempo para escrever. Sou-lhe grato pela generosidade a esse respeito.

Diversos Irmãos Maristas e outras pessoas leram o texto à medida que avançava. Muito obrigado aos confrades Roberto Clark, Jean-Pierre Cotnoir, Jeff Crowe, Michael de Waas, Fernand Dostie, Michael Flanigan, Pedro Herreros, John McDonnel, Gaston Robert, Luís Garcia Sobrado, Allen Sherry, Brian Sweeney e Henri Vignau, incluindo ainda a Irmã Rachel Callahan, CSC, John E. Kerrigan Jr., Irmã Rea McDonnel, SSND e John e Peggy Perring-Mulligan. Se o volume é fácil de ler, claro e exato, o mérito lhes pertence. Qualquer erro no julgamento ou afirmações errôneas a respeito de fatos, naturalmente, são da responsabilidade do autor.

Cabe uma palavra de agradecimento especial ao Irmão Leonard Voegtle, FMS. A leitura cuidadosa de diversos rascunhos e seus pareceres criteriosos ajudaram o autor na correção de diversas inexatidões históricas.

Enfim, agradecimentos à Irmã Marie Kraus, SNDdeN, que editou o texto. Ela é mestra em achar um fraseado ágil e corrigir a “balbúrdia, a confusão, a desordem” que enchem o trabalho da maioria dos escritores. Muito obrigado, de novo, Marie, por sua ajuda.

Este relato foi escrito tendo em mente homens e mulheres leigos, especialmente os jovens que estão com eles, embora outras pessoas possam interessar-se por ele. É, naturalmente, trabalho incompleto e influenciado pela afeição do autor por Marcelino Champagnat. Não tem a pretensão de ser documento histórico ou biográfico de sua vida. Muitos assumiram esses desafios, com resultados mais satisfatórios. Uma lista de suas publicações aparece na seção de Referências, no final do livro. De qualquer forma, o autor espera que alguns fatos

narrados aqui ajudarão o leitor a conhecer melhor a personalidade de Marcelino Champagnat, o homem extraordinário que fundou os Irmãozinhos de Maria.

Constituiu para mim grande satisfação escrever este livro. Foi semelhante a estar na escola com Marcelino: ele o professor; o assunto, sua vida; eu o único aluno. Espero que, algum dia, quando o encontrar face a face, será benévolo em conferir uma nota ao trabalho deste seu ex-aluno. A julgar da evidência que descobri ao escrever o livro, não tenho dúvida de que ele será muito complacente.

INTRODUÇÃO

Caro leitor:

Quem foi São Marcelino Champagnat? Sabemos que foi padre da Sociedade de Maria, fundador dos Irmãozinhos de Maria, conhecidos hoje mundialmente como o Instituto dos Irmãos Maristas. Sim, ele foi tudo isso, mas ele foi muito mais ainda. Este livro dispõe-se a descobrir a mensagem que sua vida e missão contêm para nós, hoje.

A história deste jovem sacerdote nos faz voltar para a França no final do século XVIII e início do século XIX. Apronte-se para andar por suas estradas, apreciar as terras que ele tanto amava, conhecer a gente que o formou, sofrer na adversidade que o robusteceu e, no fim, ser seduzido pelo Deus que estava no centro de sua vida.

Marcelino Champagnat amava os jovens; eles, por sua vez, ficavam contagiados por seu entusiasmo e energia. Três elementos alimentavam sua paixão pela vida e moldaram sua espiritualidade: a percepção da presença de Deus, a inabalável confiança em Maria e em sua proteção, e as duas singelas virtudes de simplicidade e de humildade.

Ao se dispor a fundar a Congregação, Marcelino era jovem; tinha vinte sete anos quando convidou seus dois primeiros candidatos para se unirem a ele. Deu a seus Irmãozinhos uma clara missão. Proclamar a Palavra de Deus diretamente às crianças, particularmente às mais esquecidas. Sabia que, para educar as crianças, cumpre sobretudo amá-las. Marcelino guiou a vida e o trabalho por esse princípio e aguardava que seus Irmãos fizessem o mesmo.

Então, vire a página, comece a caminhar junto com esse homem a quem a Igreja denomina santo muito moderno e para nosso tempo, apóstolo da juventude. Marcelino Champagnat foi as duas coisas para a história de sua época; ainda continua sendo nos dias de hoje.

Seán D. Sammon, FMS.
Roma, Itália,
22 de janeiro de 1999.

Capítulo I

“No começo...”.

Uma guerra, um homem e três senhoras o formaram. Marcelino Champagnat, nono filho entre dez, nasceu na aldeia de Le Rosey, França, em 20 de maio de 1789. Dentro de poucas semanas, a Revolução estava a caminho no país. A Bastilha, prisão de Paris de fama notória, foi tomada pela multidão, em meados de julho. A libertação de seus sete cativos, embora muito simbólica em natureza, sugeriu ao povo da França, no final do século XVIII, que seu mundo iria mudar.

João Batista Champagnat, pai do futuro santo, era dos mais remediados camponeses e homem de alguma instrução. No começo, apoiou o levante de 1789, tanto por seus ideais como pelo que ganharia com seu êxito. Com o passar do tempo, contudo, via-se que seu ardor pelo movimento esmorecera e repelia seus excessos. Foram muitos: a decapitação do rei, a política implacável do recrutamento militar, a ordem para caçar os padres e os recrutas fugitivos.

No decorrer do período revolucionário, o pai de Marcelino teve diversos encargos importantes de governo na vila de Marlhes; mostrou-se pessoa paciente, moderada e conhecedora da política. Ninguém foi executado, ninguém foi levado embora, a igreja local não foi queimada ou vendida. Como pensador, revolucionário, homem de governo, negociante e agricultor, que habilidades João Batista transmitiu a seu filho? Discernimento, compaixão pelos outros, diplomacia, cabeça para negócios, as qualidades de um trabalhador.

Que dizer das senhoras que inspiraram Marcelino? Maria Teresa Chirat, sua mãe, foi a primeira. Pessoa prudente, de caráter firme, desposou João Batista em 1775. Assinalada por “profunda integridade, fé inabalável e amor ao trabalho”, essa mãe instilou no filho os rudimentos da oração e o primeiro despertar de sua vocação.

Luísa foi a segunda senhora que influenciou a formação de Marcelino. Religiosa do Instituto de São José e irmã de João Batista, foi expulsa do convento pelo novo Governo; procurou refúgio na família nos dias dos excessos revolucionários. Luísa ajudou na formação religiosa da criança; essa tia, provavelmente, foi o primeiro modelo para Marcelino no despertar da vida de oração e do serviço ao próximo.

Finalmente, havia Maria, a mãe de Jesus. Embora chegada por último na vida de Marcelino, no fim seria a mais importante. A devoção para com ela fazia parte do rico patrimônio de fé nas dioceses locais de Lião e Le Puy. Com o decorrer do tempo, Marcelino colocaria Maria no centro da comunidade dos Irmãos que fundou. Conservando-se dentro da espiritualidade de sua época, particularmente da região próxima a Marlhes, tornou-se para ele a “Boa Mãe” e seu “Recurso Habitual”.

Uma guerra, um homem e três senhoras estiveram no começo da vida de Marcelino. Tomando esses fatos como nosso ponto de partida, comecemos por responder à pergunta formulada no cabeçalho deste livro. Quem foi Marcelino Champagnat? Como mencionamos antes, sabemos que foi o fundador dos Irmãozinhos de Maria. Foi também cidadão da França do final século do XVIII e começo do XIX, sem dúvida homem de sua época com todas as virtudes e limites que essa descrição implica. Mas quem foi ele, realmente, que mensagem sua vida e missão podem nos transmitir hoje? Um lance de olhos para alguns dos eventos, elementos e pessoas que formaram seus primeiros anos nos ajudará a descobrir essas indagações.

No princípio

Marcelino Champagnat foi batizado dentro das vinte e quatro horas após o nascimento, na quinta-feira da Ascensão, em 1789. Sua vida de cinqüenta e um anos decorreu entre duas insurreições na França: a primeira em 1789, a outra cerca de quarenta anos depois. Ele viu sucederem-se diversos governos revolucionários: o domínio de Napoleão, a restauração dos Bourbons, a Revolução de 1830, a monarquia dos Orleans e o levante de 1834 em Lião.

Outras revoluções estavam também a caminho; inicialmente menos perceptíveis, talvez, mas eram igualmente tão arrasadoras nos objetivos como perturbadoras no resultado. A Revolução Industrial, por exemplo, deu-se depois de 1830, transformou o mundo do trabalho; trouxe consigo a exploração dos operários e a mudança radical na maneira de viver.

Outros fatores

A configuração geográfica moldou o jovem Marcelino Champagnat. Crescendo na região conhecida como o Maciço Central, eram-lhe familiares os campos abertos, os riachos, as florestas de pinheiros. A natureza, porém, é caprichosa nessa parte da França; por vezes, pode ser até realmente perigosa; os invernos são duros, a gente se torna resistente. A paisagem de sua região ensinou a Marcelino estas virtudes: tenacidade, capacidade de adaptação e firmeza.

Primeira instrução de Marcelino

A escola sofreu nas mãos da Revolução. Mais de vinte anos de insurreição e de guerras pouco fizeram para ceder lugar ao ensino e à aprendizagem no andamento geral das coisas.

Marcelino freqüentou a escola por breve tempo. Não conseguiu demonstrar muita capacidade para o trabalho escolar formal; o modo de tratar os alunos, que os professores punham em prática, também o impediu de se adaptar. Na idade de onze anos, preferiu os trabalhos do campo, a lidar com os livros. Quando Marcelino partiu para ingressar no

seminário, aos dezesseis anos, levou consigo a falta de instrução. Essa deficiência seria uma cruz que carregou toda a vida.

Chamado ao sacerdócio

Depois da Revolução, o poder da Igreja católica na França diminuiu muito. Napoleão Bonaparte deu liberdade à Igreja, mas por uma razão específica: planejava usá-la como apoio a seu regime.

Em 1803, o Bispo José Fesch, tio de Napoleão, foi chamado para conduzir a arquidiocese de Lião. Achou os padres dizimados pela perseguição de 1789; então, iniciou vigorosa renovação da força do clero. Parte de seu plano requeria novos seminários menores. No intuito de enchê-los de candidatos, o novo bispo incentivou os encarregados dos seminários a dedicarem parte das férias ao recrutamento de vocações.

O resultado foi que, em 1803, chegou em Marlhès um sacerdote à procura de jovens convenientes para o seminário. O padre Alliot, pároco, admitiu que não podia pensar em ninguém. Depois de alguns momentos de reflexão, contudo, sugeriu ao visitante que tentasse na família Champagnat.

Entre os rapazes, então em casa, apenas Marcelino demonstrou interesse quando a proposta de se tornar sacerdote lhe foi apresentada; contudo o jovem era praticamente analfabeto. Embora pudesse expressar-se livremente no dialeto comum na região de Marlhès, o conhecimento da leitura e da escrita em francês gramatical, requisito para o estudo do Latim e outras matérias era, na melhor das hipóteses, muito rudimentar.

Prepara-se para ingressar no seminário

Ao decidir estudar para o sacerdócio, Marcelino procurou instruir-se melhor. Nessa busca, matriculou-se na escola de Benoît Arnaud, esposo de sua irmã Maria Ana. O cunhado, ex-seminarista, agora professor, era considerado bem instruído, muito estimado, homem influente. Marcelino transferiu-se para St. Sauveur; residiu na casa da irmã por alguns meses nos invernos dos anos de 1803, 1804 e 1805.

Os progressos nos estudos, porém, eram diminutos, o jovem não prometia muito. O professor chegou a aconselhá-lo a esquecer os estudos e fazer alguma outra coisa na vida.

A morte repentina do pai de Marcelino, em 1804, foi outro golpe para o jovem. Com a frustração nos estudos e, agora, com a morte do pai, com certeza, terá pensado em voltar para casa e ajudar a família nos trabalhos do campo. Por qualquer que fosse a razão, contudo, Marcelino decidiu persistir na continuação dos estudos. Pode ser que o encorajamento da mãe o conservasse nesse intento. Seu primeiro biógrafo, o Irmão João Batista, nos relata que durante esse período Marcelino se aproximava dos sacramentos com maior frequência, reservava tempo para rezar e recomendava seus propósitos a Maria.

Importante influência formadora.

Nos meses passados em St. Sauveur, Marcelino teve a boa sorte de se associar com um jovem padre da paróquia, João Batista Soutrenon. O sacerdote vivia pobremente, mas estava sempre pronto para atender às necessidades dos paroquianos. Falava com eles no dialeto da região e não receava arregaçar as mangas para ajudá-los no trabalho rural.

O padre Soutrenon dava-se muito bem com as crianças e os jovens da paróquia. Anos mais tarde, é óbvio que Marcelino tomou por modelo esse fervoroso e corajoso jovem clérigo, que foi grande inspiração para ele. Marcelino voltou de St. Sauveur mais determinado que nunca a ser padre.

Talvez uma peregrinação ajudará!

Apesar das avaliações pessimistas sobre as habilidades do cunhado, Marcelino traçou o plano de se tornar padre como nunca antes. O pensamento o absorvia. Maria Teresa, sentindo as preocupações do filho com seu sonho, sugeriu uma peregrinação ao santuário de S. João Francisco Régis, em La Louvesc.

De regresso da peregrinação, apesar da forte oposição do cunhado, Marcelino disse à família que planejava ingressar no seminário menor. Estava convencido: Deus queria isso, determinou cumprir-lhe a vontade.

Perguntas para a reflexão

1. Quais são as pessoas que ajudaram você a realizar seu sonho de vida e o animaram para concretizá-lo? De que modos específicos o coadjuvaram?
2. Que acontecimentos na vida de você lhe deram a percepção dos desígnios de Deus a seu respeito? O Senhor traçou uma caminhada para você; que marcos ao longo do caminho o ajudaram a encontrar seu objetivo?

Capítulo II

“Os anos de seminário...”.

O padre Périer era a alma do seminário de Verrières, que estava instalado provisoriamente e não reunia boas condições materiais. A maioria dos seminaristas alojava-se na casa paroquial que, embora ampla, estava muito danificada. Para os que não cabiam aí, foi necessário achar espaço em granja próxima. Na época de Marcelino, o número de residentes oscilava entre oitenta e cem jovens.

Ele era maior do que a média dos colegas. Se não sobressaía nos estudos, destacava-se nas tarefas que exigiam habilidade manual; onde houvesse trabalho que exigisse força, lá estava Marcelino. Nos anos de seminário teve de lutar contra essa tendência de entregar-se em excesso ao esforço físico, com que conseguia mais resultados tangíveis do que pela atividade intelectual.

Marcelino terminou o primeiro ano com nuvens escuras no horizonte. O diretor do seminário achou que não via no jovem capacidades para o sacerdócio. Acrescentava em seu comunicado ao seminarista e à mãe que desaconselhava a volta ao seminário no ano seguinte. Maria Teresa teve grande decepção, mas procurou solucionar essa crise surgida na vida do filho.

O primeiro passo foi recorrer à oração. Mãe e filho realizaram nova peregrinação ao túmulo de São João Francisco Régis. O pároco Alliot era bem relacionado com o diretor do seminário; a mãe de Marcelino o convenceu a que intervesse em favor do filho. Conseguiu a ajuda do padre Linossier, membro recente do grupo de formadores de Verrières, pessoa muito respeitada e qualificada. Graças aos esforços de todas essas pessoas, o reitor do seminário revogou sua decisão e admitiu novamente o jovem.

Os problemas de Marcelino continuam

O segundo ano de Marcelino, em 1806, foi melhor do que o primeiro. Ao se achar em aula maior, o professor padre Chomarez procurou reforçar a disciplina e se pôs à disposição de quem quisesse estudar Latim. Nosso seminarista, apesar de fraco em gramática, aceitou o desafio.

Marcelino, que nessa época se tornara jovem muito associativo, por vezes era visto nos bares. Em conseqüência, ficou membro de uma agremiação conhecida como o “Grupo dos Felizes”, constituído por seminaristas que, nas horas de folga, davam uma chegadinha às tabernas da localidade.

No decorrer do ano, Marcelino determinou-se a levar estilo de vida mais sóbrio. Continuou a aplicar-se aos estudos nesse segundo ano de seminário. Dois acontecimentos, ocorridos no verão depois daquele ano, ajudaram também a moderar seu comportamento expansivo. O primeiro foi a morte súbita de seu amigo Denis Duplay, em 2 de setembro de 1807. O

segundo foi uma séria conversa com o padre Linossier, diretor do seminário, no sentido de que Marcelino deveria melhorar o procedimento.

Sem dúvida alguma, a morte da mãe, Maria Teresa, em 1810, contribuiu para a mudança de comportamento de Marcelino. Ela desempenhara papel importante no incentivo a sua vocação sacerdotal; com essa morte, ele redobrou esforços no seminário menor.

Desde o início no processo de sua formação para o sacerdócio, Marcelino tornou-se mais aberto à graça de Deus na transformação de sua vida. O Senhor usou meios muito humanos para orientar a mente, o coração, o espírito e as energias do futuro santo para este único objetivo: amar a Jesus e, por sua vez, ajudar o próximo a fazer o mesmo.

Os anos finais de Marcelino em Verrières

Em 1810 João Cláudio Courveille chegou ao seminário. Esse jovem desempenharia papel central, anos mais tarde, nos primeiros passos do movimento Marista. Marcelino prosseguiu na luta para se dominar. Nem sempre conseguia bom êxito. Nos anos passados em Verrières, contudo, solicitou o auxílio divino com muita confiança. Essa confiança em Deus já constituía uma das pedras angulares de sua espiritualidade.

Marcelino passou oito anos difíceis em Verrières. Pobrememente abrigado e alimentado, aprendeu a suportar as agruras da vida. Foi lição muito importante que o levaria a agüentar firme nos anos vindouros. Depois de alguns meses de férias, ingressou no Seminário Maior de Santo Ireneu. Para o arguto observador, algo já era óbvio: de um obscuro recanto da França do século XIX, o futuro fundador dos Irmãzinhos de Maria estava começando a colher os frutos de sua constância.

Santo Ireneu: o Seminário Maior

O Seminário Maior de Santo Ireneu localizava-se em Lião, cidade surgida na confluência dos rios Saona e Ródano. A basílica de Nossa Senhora de Fourvière, pendurada em penhasco elevado sobre a cidade, domina o cenário; a devoção a Maria sempre desempenhou papel central na vida dos habitantes. É de admirar, então, que Marcelino robustecesse a devoção a Maria durante os anos em Santo Ireneu?

Mudanças políticas rápidas sacudiram a França em 1814; os efeitos dos acontecimentos repercutiram nos corredores de Santo Ireneu. Napoleão abdicou em abril de 1814. O Cardeal Fesch, seu tio, fugiu imediatamente para a Itália. Os Bourbons regressaram ao trono da França.

A grande maioria dos seminaristas tomaram posição contra Napoleão. Em conseqüência, muitas discussões políticas ocuparam o tempo no decorrer de 1814. Certo historiador da época descreveu-o “ano terrível”, tempo em que os seminaristas falavam mais de política do que de Teologia.

Apesar de toda a agitação, os acontecimentos políticos estavam longe da mente de Marcelino. Parecia conservar-se alheio a qualquer tipo de envolvimento. Não era o único a manter-se nessa linha. João Cláudio Colin, futuro fundador dos Padres Maristas, colega de Marcelino em Santo Ireneu, refere-se a 1815 como o “ano estragado”.

Apesar da agitação no seminário, Santo Ireneu será lembrado como lugar notável em termos dos frutos produzidos. São João Maria Vianney, futuro cura de Ars, estava entre os colegas de aula de Marcelino.

A caminho da ordenação

Professores e superiores de Santo Ireneu tinham grande consideração para com Marcelino. Causara-lhes impressão muito favorável. Rápido exame de algumas resoluções do jovem seminarista dá a conhecer seu trajeto espiritual naquela época de sua vida.

A prática da caridade ocupa lugar proeminente nas resoluções de Marcelino, assumidas em 1815. As constantes disputas políticas no seminário na época, sem dúvida, desempenharam algum papel na tomada dessa resolução. Observamos, também, que a preparação do jovem para o sacerdócio o levou “ao menosprezo de si, à renúncia, à vida de oração, à observância do regulamento e ao estudo”.

As resoluções para as férias ressaltavam a oração habitual, a vida em presença de Deus. Marcelino organizou cuidadosamente a vida espiritual para esses períodos: oração, jejum, visita aos doentes, ensino do catecismo às crianças. Ao comentar sua habilidade nessa última área, Juliana Epalle – vizinha de Champagnat e testemunha no processo para a Beatificação de Marcelino – relatou: “Ensinava tão bem que tanto os adultos como as crianças permaneciam duas horas sem se cansarem de ouvi-lo».

Marcelino estava convencido de que o amor ao próximo era extensão de seu amor a Deus. Fazia questão de ter bom relacionamento familiar. Depois da ordenação, seria lembrado também por seu belo e sensível julgamento em questões de consciência. Era conselheiro, confessor e ardente pastor de almas, de maneira que foi igualmente recordado com saudades pela gente de La Valla, sua primeira nomeação depois de ordenado padre.

Inicia-se o movimento Marista

A Revolução francesa desencadeara uma onda de perseguição contra a Igreja católica. As ordens religiosas declinavam rapidamente em número e influência.

Em contraposição, a Restauração pusera em movimento uma onda de atividades religiosas. Muitas ordens, anteriormente supressas, ressurgiram; um número extraordinário de novas começou a existir. O padre Bochard, um dos vigários-gerais da diocese de Lião, estava decidido a fundar uma nova congregação. Organizou um grupo de jovens, denominado a Sociedade da Cruz de Jesus. Achou que o seminário era campo fértil para obter novos

aderentes para seu empreendimento. Na esperança de consegui-los, aproveitou a ajuda inestimável do seminarista João Cláudio Courveille.

Courveille nascera em família de ricos comerciantes. Ao ingressar no seminário, trouxe consigo uma história interessante. Aos dez anos, por exemplo, contraíra séria doença de olhos, depois de acometido pela varíola. Preocupada com a visão precária do filho, a mãe o levou ao santuário de Nossa Senhora do Puy. Lá, em 1809, na idade de vinte e dois anos, foi curado daquela deficiência, depois da aplicação do azeite da lâmpada do santuário nos olhos. Esse acontecimento levou Courveille a dedicar a vida a Maria. Anos mais tarde, na festa da Assunção de 1812, afirmou ter ouvido uma voz pedindo-lhe que fundasse a Sociedade de Maria. O objetivo do instituto era muito simples: fazer para a Igreja da França do século XIX o mesmo que os Jesuítas realizaram para a Igreja do século XVI.

Bochard estava ansioso para falar com Courveille, especialmente quando se inteirou do plano do jovem para fundar uma congregação religiosa. Dado que, como foi mencionado antes, ele estava no processo de estabelecer uma associação religiosa, pensou que poderia unir os dois projetos.

O vigário-geral incentivou Courveille no sentido de procurar membros para o grupo Marista que tinha em mente. Os motivos de Bochard, contudo, não eram assim tão simples: começou a avaliar cada um dos seminaristas do grupo de Courveille visando à sua eventual pertença à Sociedade da Cruz de Jesus.

Sem dar importância ao esquema do vigário-geral, Courveille iniciou a campanha de recrutamento e, em pouco tempo, conseguiu quinze aderentes. Todos eles na idade dos vinte e trinta anos, provinham em grande parte de famílias camponesas. Esses jovens passaram a maior parte do ano acadêmico 1814-1815 forjando os princípios fundamentais da nova Sociedade. Deveria compor-se de Padres, Irmãos auxiliares, Irmãs e Leigos de ambos os sexos. O grupo de Padres formaria o miolo da Sociedade.

Desde o início dos debates, Marcelino introduziu a idéia de fundar outro ramo da Sociedade, constituído por Irmãos ensinantes. Os colegas de seminário não expressaram muito entusiasmo pelo plano. Sabemos que Marcelino era persistente, embora não tivesse outros predicados, talvez.

Continuou a expor sua proposta e, finalmente, os demais concordaram: a Sociedade de Maria incluiria entre seus membros um grupo de Irmãos ensinantes. A responsabilidade de iniciar a associação foi deixada à pessoa que aventara a idéia.

A que se deve a insistência de Champagnat para que uma Congregação de Irmãos ensinantes fizesse parte da nova Sociedade? Antes de tudo, queria solucionar o problema da falta geral de instrução religiosa e formação espiritual de sua época. O Irmão João Batista cita-o dizendo: «Devemos ter irmãos para ensinar o catecismo, ajudar os missionários e dirigir as escolas». O sonho de Marcelino era ambicioso: tornar Jesus conhecido e amado pelas crianças, especialmente as mais abandonadas.

Outras explicações óbvias podem achar-se em suas lutas pessoais com o idioma francês, falta de preparação acadêmica para o vida no seminário, o atraso em que se sentiu ao sentar-se na aula com jovens mais novos do que ele, mas com maior base.

Em 1815, o Governo também admitiu que havia muito poucas escolas na França. A Comissão da Instrução Pública, encarregada da tarefa da instrução nacional, começou a insistir em que “cada município tomasse os meios necessários para garantir a instrução primária às crianças e que, para as pobres, fosse gratuita”.

Alguns passos foram dados no sentido de solucionar a crise educacional do país. Napoleão tinha restabelecido os Irmão das Escolas Cristãs em 1803, juntamente com algumas congregações de Irmãs. Embora Marcelino conhecesse esse detalhe, sabia que tais esforços se concentravam nas crianças dos centros urbanos. Aspirava a dar as mesmas oportunidades às crianças dos povoados, aldeias e vilarejos das encostas das montanhas.

Por fim, Marcelino poderia também estar a par dos pormenores da Ordenança Real de 29 de fevereiro de 1816, que outorgava ajuda financeira aos que ingressassem no campo da instrução. Todos esses elementos trabalhavam juntos, impelindo Marcelino para a frente; contudo seria um encontro com o jovem João Batista Montagne que finalmente cristalizou seu sonho e lhe fez ver a urgência necessária para torná-lo realidade.

Ordenação

Em 22 de julho de 1816, Marcelino concretizou o sonho de muitos anos; o Bispo Dubourg, de Nova Orleans ordenou-o padre. Partilhando a alegria do dia, recebendo o mesmo sacramento, com ele estavam sete membros do grupo, agora cognominados Maristas. No dia seguinte à ordenação, os oito, acompanhados por quatro seminaristas, empreenderam uma peregrinação a Fourvière. A basílica, que hoje ocupa o lugar, não existia então. O grupo foi ao santuário da Virgem Negra, uma capelinha, hoje anexa à basílica. João Cláudio Courveille celebrou missa para todos. No encerramento, os doze renovaram o compromisso para dedicar sua vida a Maria.

O sonho original Marista era a organização de apenas uma Sociedade, não de várias. Os diversos ramos deveriam estar subordinados à unidade do todo. Ao fazer seu compromisso em Fourvière, os primeiros Maristas sabiam que se comprometiam para alguma ação futura. Para o presente, deveriam sujeitar-se às autoridades diocesanas, que nomearam os recém-ordenados pela vasta diocese de Lião. Aconteceu que Marcelino se achou a caminho da vila de La Valla, localizada nos desconhecidos sopés do monte Pilat. Aí assumiu o trabalho de sua primeira indicação como sacerdote em 13 de agosto de 1816, dois dias antes da festa da Assunção de Nossa Senhora ao céu.

Perguntas para a reflexão

1. Marcelino Champagnat enfrentou muitos desafios em sua caminhada para a ordenação. Que desafios semelhantes você enfrentou em sua vida? De que maneira o fortaleceram e o moldaram?
2. Lançando um olhar retrospectivo na vida de Champagnat, quais as qualidades que mais admira nele? A esse respeito, que é que enche você de admiração?

Capítulo III

“Jovem sacerdote e jovem fundador...”.

A adversidade espreitou Champagnat? É de se pensar. Já vimos que a caminhada para o sacerdócio foi semeada de obstáculos. Na pessoa do padre João Batista Rebod, pastor em sua primeira paróquia em La Valla, encontraria muitos outros.

Rebod era pessoa infeliz. Caso a Igreja não tivesse sofrido tanta devastação após a Revolução, já no seminário teria sido aconselhado a pensar em fazer outra coisa na vida. Em lugar disso, foi ordenado às pressas e, em 1812, nomeado pároco em La Valla.

O pároco sofria de artrite e azarada gagueira, bebia em excesso, pouco fazia para animar a vida da paróquia. Em 1816, quando Champagnat chegou, achou o presbitério e a igreja sem arrumação e descuidados.

O pior de tudo, devido à negligência de Rebod pelas almas, a comunidade paroquial estava em situação deplorável. A avidez, as rivalidades e a falta de caridade marcavam o convívio social. Paixões amargas tinham lançado a semente da discórdia entre os habitantes da vila; muitos abandonaram a prática da fé católica. O pároco, incapaz de tratar com os problemas pessoais, estava perdido no tocante ao que fazer.

La Valla, por outra parte, não era Marlhès. O relevo das duas regiões difere muito. A palavra La Valla, significando “vale” é realmente um eufemismo quando se aplica à região próxima ao monte Pilat. Em lugar de ser formada por extensões de bom solo, rodeado de montanhas, com dificuldade se encontra algum terreno plano no local. Encostas, rochedos, precipícios, torrentes vindas da montanha abrem caminho, rodeando rochedos e barrancos: não são paisagens incomuns. Na época do jovem coadjutor, alguns lugares eram quase inacessíveis por falta de estradas transitáveis. Sem dúvida, Marcelino Champagnat enfrentou uma nomeação difícil no meio dessa região acidentada.

O povo de La Valla e a Revolução.

Certa simplicidade marcava a vida em La Valla. Nos meses de verão os trabalhos nos campos ocupavam o dia. O inverno trazia noites longas, durante as quais a fiação, o conserto de móveis, os momentos de calma junto à lareira eram passatempos comuns. Os vizinhos se detinham para conversar, cantar ou ajudar nas fainas domésticas. A união da família permanecia forte.

A Revolução apresentou uma ameaça para esse modo de vida, que era amplamente aceito. Os homens foram obrigados a participar nas reuniões políticas, passando menos tempo em casa. Alguns freqüentavam as tabernas para beber, discutir política, ler os jornais, ou escutar sua leitura. Outros passavam o tempo na elaboração de pasquins e manifestos impressos rudimentarmente. Falava-se até na emancipação das mulheres.

Prática ascéticas.

Para conservar vivo o fervor, o jovem sacerdote estabeleceu para si um rigoroso programa de práticas ascéticas. Levantava às 4h00 da manhã; começava o dia com meia hora de meditação. A missa diária era precedida por quinze minutos de oração. Embora plenamente absorto com o trabalho paroquial, Marcelino ainda achava tempo para uma hora, pelo menos, de estudo da Teologia. Jejuava nas sextas-feiras. Visitava fielmente os doentes da paróquia.

A prática da presença de Deus era, cada vez mais, o coração da vida espiritual de Marcelino. Sua caminhada para mais profundo relacionamento com Jesus e Maria, contudo, não era fácil; o jovem padre encontrava trechos árdios ao longo da estrada.

O coadjutor.

Marcelino esforçava-se para desenvolver um coração compreensivo, e, com boas razões. Com frequência, era chamado para visitar as pessoas brigadas entre si. Nessas situações, seu espírito conciliador, caráter amável e simplicidade de maneiras cooperavam na promoção da reconciliação.

O jovem padre tinha também habilidade peculiar nas correções, de forma que as pessoas as achassem palatáveis. Sabia advertir sem prejudicar a auto-estima. O resultado foi que muitos chegaram a ver faltas em si próprios que, se fossem apontadas por outra pessoa, eram incapazes de aceitar.

Por necessidade e temperamento, Marcelino passava longas horas na preparação dos sermões. Estudo, reflexão e oração eram os ingredientes postos nessas lições. O jovem padre harmonizava as instruções com os eventos do dia-a-dia. Dito simplesmente, Marcelino empregava a linguagem do povo a quem fora chamado a servir; assim, ao falar de Jesus e de sua mensagem, era capaz de falar também aos corações.

O coadjutor sentia-se melhor no confessionário. Apesar do rigorismo da formação no seminário, Marcelino sabia empregar a compaixão, o bom senso e a compreensão das fraquezas humanas.

O fundador, todavia, era também homem de sua época. A dança, por exemplo, foi sempre o passatempo favorito da gente de La Valla. Os exércitos de Napoleão, contudo, trouxeram consigo de regresso dos Estados Germânicos nova forma de diversão: a valsa. Nas danças tradicionais da região, os pares se tocavam raramente, apenas levemente na mão, dificilmente despertavam as paixões. Na valsa, porém, os dançarinos se abraçavam e moviam-se em uníssono.

Marcelino, de acordo com a formação do seminário e o espírito de seu tempo, insurgia-se fortemente contra esse tipo de dança. O Irmão João Batista sugere que, para se opor,

Marcelino organizava atividades alternativas na mesma hora em que essas danças haveriam de se realizar.

O pároco Rebod continuava a ser espinho ao lado do jovem padre. Marcelino não era idealista preguiçoso; começou a trabalhar para tornar realidade os sonhos de sua vida. Suas iniciativas, aos olhos do pároco, apenas perturbavam a sonolência da vida paroquial em La Valla. Seja porque se sentisse ameaçado com as atividades de Marcelino, fosse por ciúme do relacionamento mantido com os paroquianos, Rebod não perdia ocasião de criticar seu jovem coadjutor ou tentar humilhá-lo. Apesar do antagonismo do pároco, contudo, o coadjutor conquistou os corações dos que vinham rezar com ele ou ouvir-lhe a pregação.

Mais tarde, quando o jovem padre iniciou o grupo de Irmãos, Rebod foi dos mais proeminentes críticos do projeto. Não omitia ocasião para condená-lo em público ou rebaixar e embaraçar seu iniciador.

Marcelino respondia a Rebod com admirável domínio de si, procurava pela oração e aconselhamento amigo ajudar o pároco. O jovem coadjutor privou-se de vinho na esperança de que o exemplo ajudasse o superior. Embora se esforçasse para reduzir as falhas excessivas de Rebod, as intervenções de Marcelino na realidade não serviram para nada. Protestos contra o pároco ergueram-se com freqüência e em volume; continuaram até a primeira parte de 1824. Em junho daquele ano, as autoridades diocesanas transferiram o padre Rebod da paróquia; seis meses mais tarde morreu, aos quarenta e oito anos de idade.

“Necessitamos de Irmãos”

Já mencionamos que Marcelino estava ciente da falta de elementos para a escola na França, particularmente nas áreas rurais. Um relato sobre a instrução no Departamento do Loire, onde La Valla se localizava, dizia assim a respeito da situação: «A juventude está vivendo na mais profunda ignorância e entregue à mais alarmante dissipação».

Não se tem a menor consideração pelos professores. Outro relatório os descreve como “beberrões, irreligiosos, imorais, verdadeiro rebotalho da raça humana”. Deve-se admitir que a situação descrita melhorou um pouco sob Napoleão e mais ainda após a subida de Luís XVIII. A Ordenança de fevereiro de 1816 autorizava a impressão de livros de texto convenientes, o estabelecimento de escolas-modelo, e o pagamento dos professores. Deu também forte impulso à instrução primária: cada paróquia devia prover uma. As crianças, cujas famílias não pudessem pagar, deveriam receber instrução gratuita. O clima estava ótimo para Marcelino realizar seu sonho

O fundador, contudo, não estava simplesmente preocupado em fornecer melhores oportunidades educacionais aos jovens. Queria auxiliar seu desenvolvimento religioso, para que fizessem experiência do amor de Deus. Marcelino repetia muitas vezes: «Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a amou, e quanto ela, por sua vez, deve amar o divino Salvador».

O jovem padre também via na educação um meio de integrar fé e cultura. O Irmão João Batista nos relata: «Ao fundar o Instituto, o Padre Champagnat não tencionava dar aos meninos apenas a instrução primária, nem apenas ensinar-lhes as verdades da fé. Dizia: ‘Nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças, isto é, instruí-las sobre seus deveres, ensinar-lhes a praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão’».

Embora já existissem duas escolas na paróquia de La Valla, o jovem padre não abandonou a intenção de fundar um grupo de Irmãos ensinantes como parte da Sociedade de Maria. Ficou impressionado pela piedade e bom procedimento do paroquiano de vinte e dois anos, João Maria Granjon, antigo granadeiro da Guarda Imperial de Napoleão.

Certa ocasião, o jovem pediu a Marcelino para visitar alguém que estava doente em sua aldeia. O padre concordou e, enquanto caminhavam juntos, anotou o caráter e as disposições do jovem. Marcelino ficou tão satisfeito com as respostas de Granjon às perguntas feitas que lhe deu um exemplar do *Manual do Cristão*, ao voltar no dia seguinte para visitar de novo o doente.

De início, Granjon recusou o livro, alegando que não sabia ler. Marcelino não recuou. O jovem coadjutor disse: «Leve-o da mesma forma. Você pode utilizá-lo para aprender a ler; dar-lhe-ei lições, se quiser». Granjon aceitou a oferta do padre.

Marcelino e João Batista Montagne

Pouco depois, em 28 de outubro de 1816, aconteceu um fato que para Marcelino foi sinal evidente no sentido de prosseguir no sonho da fundação de Congregação de Irmãos. O jovem sacerdote foi chamado à casa de um carpinteiro em Les Palais, povoado pouco além do Bessat. Um rapaz de dezessete anos, João Batista Montagne, estava morrendo. O jovem ignorava completamente as verdades de fé. Marcelino o instruiu, ouviu-lhe a confissão, preparou-o para morrer. Saiu para visitar outro doente na localidade. Ao regressar à casa de Montagne, soube que João Batista morrera.

O encontro de Marcelino com esse adolescente o transformou. O desconhecimento de João Batista a respeito de Jesus convenceu o jovem sacerdote de que Deus o estava chamando para fundar uma Congregação de Irmãos para evangelizar os jovens, especialmente os mais abandonados. Ao regressar à casa paroquial em La Valla, Marcelino decidiu executar seu plano: pediria a João Maria Granjon que se tornasse o primeiro membros da comunidade de Irmãos ensinantes.

O primeiro discípulo

João Maria, conhecido mais tarde sob o nome Irmão João Maria, aceitou o convite do jovem padre em 28 de outubro de 1816; estava ansioso por entregar-se a esse trabalho.

Marcelino deu, assim, o primeiro passo na fundação dos Irmãozinhos de Maria. O segundo passo seguiu-se bem depressa.

Uma casa pequena, perto do presbitério, estava à venda. Marcelino desejava adquiri-la, mas o pároco, padre Rebod, opôs-se ao negócio; Marcelino, porém, conseguiu empréstimo, no valor da metade da compra, de João Cláudio Courveille, então coadjutor na vizinhança, em Rive-de-Gier; o restante proviria de seus recursos pessoais. Marcelino assinou o contrato de compra com o dono João Batista Bonner, e pôs-se a trabalhar na limpeza e conserto da casa. Fabricou também duas camas de madeira e uma mesinha para as refeições. Para animar ainda mais a Marcelino, novo acontecimento prometedora seguiu-se rápido: um segundo discípulo.

A comunidade começa a crescer

João Batista Audras, depois Irmão Luís, tinha apenas catorze anos quando solicitou para ingressar no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Saint Chamond. Considerado ainda muito jovem, foi aconselhado a prosseguir no estudo de sua vocação com o confessor. Teve muita sorte porque essa pessoa era o jovem sacerdote de La Valla. O rapaz informou a Marcelino que resolvera consagrar a vida a Deus. Depois de falar com João Batista e os pais, rezar e refletir sobre a situação, o padre convidou o jovem Audras para juntar-se a Granjon.

Dois meses mais tarde, as reparações da casa foram completadas. Os dois primeiros discípulos a ocuparam em 2 de janeiro de 1817. Daí em diante, a casa do senhor Bonner seria conhecida, pelo menos no mundo Marista, como “berço» do Instituto, e o dia 2 de janeiro de 1817 como data de fundação dos Irmãozinhos de Maria. Os membros da Congregação viveriam uma espiritualidade que abrangia a lembrança da presença de Deus, a confiança em Maria e em sua proteção, a prática das «pequenas» virtudes de simplicidade e humildade.

No decorrer dos restantes meses de inverno, Granjon e Audras moraram juntos na casa. Marcelino encarregou-se de ensinar-lhes a ler, deu-lhes os meios de que necessitariam para instruir as crianças. Mostrou-lhes, também, a maneira de rezar e de fabricar pregos, que eram vendidos para conseguir recursos para a comunidade.

Tanto Granjon como Audras ajudavam o jovem padre em seus numerosos trabalhos pastorais. Visitavam e ajudavam os idosos e os doentes nas aldeias, conseguiam lenha para os necessitados e levavam-lhes regularmente alimentos.

O fundador forma seus Irmãos.

Marcelino contratou Cláudio Maisonneuve, antigo Irmão das Escolas Cristãs, para instruir seus Irmãos no método do ensino. Enquanto Maisonneuve ensinava a Granjon e Audras a

teoria e a prática do ensino, Marcelino cuidava da parte religiosa e intelectual, pois era hábil catequista e os ajudava também na formação geral.

João Cláudio Audras foi o terceiro vocacionado para tornar-se Irmãozinho; sua entrada no Instituto foi bem fora do usual. Encarregado pelos pais de ir a La Valla para levar de volta o seu irmão, João Batista, o jovem meteu-se a caminho; mas João Batista não tinha interesse em regressar para casa. Foi ter com Champagnat: “Meu irmão veio buscar-me para ir para casa, mas eu não quero ir. Por obséquio, não quer interceder junto a meus pais para que me deixem em paz?».

Enquanto o jovem sossegava, o padre falou com João Cláudio. Conseguiu convencê-lo de que também ele tinha as qualidades para ser bom religioso. Em lugar de executar a incumbência recebida dos pais, João Cláudio decidiu juntar-se ao irmão mais novo e a Granjon. Parece que os pais concordaram, porque João Cláudio se tornou o terceiro membro da comunidade, em dezembro de 1817. Mais tarde, assumiu o nome de Irmão Lourenço. Nos seis meses seguintes apareceram novos discípulos, entre eles, Gabriel Rivat, que tomaria o nome de Irmão Francisco; vinte anos mais tarde, assumiria o lugar de Marcelino no cargo de Superior dos Irmãos. Em junho de 1818, seis jovens estavam morando na casa, antes pertencente ao senhor Bonner em La Valla.

Começa o apostolado.

Na história dessa época, as escolas da França se limitavam aos meses de inverno. Todos os braços eram necessários para os trabalhos do campo, quando o tempo era propício. Aconteceu assim em maio de 1818 com Maisonneuve: depois de encerrados os seus compromissos de inverno nos povoados, pôde ir a La Valla nos meses de verão. Uma escola para meninos e meninas foi aberta, sob a direção de Maisonneuve, na casa dos Irmãos, que aprendiam observando-lhe o trabalho e ajudando-o nas lições, na medida do possível.

Depois que Maisonneuve foi embora, Marcelino continuou a escola com os Irmãos. Indicou João Maria Granjon, primeiro membro do Instituto, como diretor da escola. João Maria lançou-se com entusiasmo na instrução das crianças que lhes foram confiadas, muitas delas abandonadas ou órfãs.

Com o decorrer do tempo, o sucesso dos esforços dos Irmãos tornou-se notório. Continuaram também a ensinar nos povoados. O padre Alliot, que batizara Marcelino, pediu-lhe que fundasse uma escola em Marlies. Em fins de 1818, dois Irmãos assumiram esse desafio.

A vida comunitária toma forma

Enquanto a escola dos Irmãos se desenvolvia em La Valla, o mesmo acontecia com a vida comunitária. Com o incentivo de Marcelino, os Irmãos elegeram o diretor, recaindo a

escolha em João Maria Granjon, o mais velho e primeiro membro. Um esquema diário – começando às 5h00 com o levantar, seguido da oração da manhã – foi aceito de comum acordo. Cada Irmão se revezava na cozinha; embora o cardápio pareça ter sido limitado: sopa, queijo e hortaliças, as habilidades culinárias não estariam entre os maiores talentos dos jovens discípulos de Marcelino.

Mais tarde, o jovem padre mudou-se do presbitério para unir-se à comunidade dos Irmãos. Essa transferência foi outro momento decisivo na caminhada espiritual de Marcelino. Os olhos da fé nos deixam ver, outra vez, como o jovem padre abraçou sem hesitar a missão que Deus lhe tinha destinado.

Embora o pároco, padre Rebod, lhe desse permissão para a transferência, advertiu seu coadjutor que desistiria de vida em tão pobres condições. Os Irmãos ficaram muito contentes por verem Marcelino trabalhar e rezar com eles, nutrir-se do mesmo alimento, programar sua formação como professores e ajudá-los. Querendo ou não, o espírito de igualdade e fraternidade lançara raízes na França do século XIX, começara a entretecer rico tapete que, no decorrer do tempo, se desenvolveria em estilo de vida característico dos Irmãozinhos de Maria.

Uma palavra a respeito do padre Rebod, antes de prosseguirmos. Se bem que muitas vezes rude com Marcelino, temos de adotar a compaixão de seu coadjutor na avaliação do homem. Sem dúvida, Rebod era conturbado e infeliz. No mínimo, abusava da bebida. Em outra época, ajuda para esse problema lhe estaria disponível. Poderia também ter escolhido outra direção para sua vida. Não sabemos em quantas vidas influiu de modo positivo, sem dúvida terá havido algumas. Para o caso de Marcelino, no entanto, foi, com freqüência, causa de conflito. Deve-se dizer a favor do jovem padre que soube responder ao antagonismo de Rebod com paciência e compreensão.

O problema é dinheiro

Embora Marcelino fosse bom administrador, o dinheiro era sempre problema para a jovem comunidade. O trabalho manual, característica dos Irmãos, ajudava a arcar com as despesas. As entradas com a manufatura de pregos, o modesto salário de coadjutor, donativos dos paroquianos ajudavam a comunidade a sobreviver.

Depois que os julgou prontos, o jovem padre enviou seus discípulos aos povoados próximos e nas vilas de La Valla e Marlhes. Os Irmãos mostravam-se cheios de ardor, de afeição fraterna e de zelo apostólico.

Nos dias futuros os Irmãos necessitarão de todas esses predicados. Além das colinas que cercam La Valla, na cidade episcopal de Lião, a perturbação já estava fermentando, visando à jovem comunidade. No centro de suas dificuldades estaria um homem, o mesmo vigário-geral que tivera tanto interesse no plano de João Cláudio Courveille de estabelecer nova congregação religiosa, a saber, João Cláudio Bochart.

Perguntas para a reflexão:

1. As necessidades do próximo e seus sofrimentos muitas vezes nos formam e nos transformam. De que modo essas duas coisas afetaram o caráter de Marcelino, seu modo de encarar a vida e a espiritualidade? De que forma agiram juntas para transformá-lo na pessoa que se tornou?
2. De que maneira as necessidades e os sofrimentos do próximo formaram e transformaram você e o fizeram a pessoa que hoje é? De que jeito o impeliram a agir por amor ao evangelho?

Capítulo IV

“ O Instituto acha o caminho...”.

Bochard era inimigo temível. De temperamento nervoso, intrometido por natureza, excessivo em dar louvores ou censurar, era um dos três vigários-gerais da arquidiocese de Lião. Muito impopular entre o clero local, zeloso apoiador do galicanismo, administrava os negócios na ausência do Cardeal Fesch.

O vigário-geral estava determinado a absorver os Irmãos de La Valla para sua sociedade. Fez comparecer Marcelino à chancelaria e lhe expôs a idéia. No fim da reunião, Bochard achou ter ganho o dia, mas estava enganado. Marcelino estava firmemente convencido, mais do que nunca, de estar cumprindo a vontade de Deus. Sem pressa em responder ao oferecimento do vigário, o coadjutor de La Valla decidiu, ao invés, seguir o ditado: *festina lente*, apressa-te devagar. Seus conselheiros, alguns até com postos elevados no clero arquidiocesano, o apoiavam.

A fundação de Marcelino continuava a expandir-se: em 1822, outra escola foi aberta em Saint-Sauveur, importante centro administrativo da região. A fundação dessa escola era sinal da estima que se tinha pela atividade pastoral dos Irmãos.

Algumas dificuldades começaram a surgir em Marllhes. O pároco, padre Alliot, recusou-se a dar aos Irmãos e aos alunos melhores condições de vida. O Irmão João Batista descreve a casa de Marllhes assim: «pequena, úmida, insalubre». Marcelino interveio pessoalmente, pediu instalações mais convenientes. Alliot não deu ouvidos. O jovem coadjutor tomou decisão difícil: retirou os Irmãos da escola de sua paróquia natal. Ao comunicar a decisão final ao pároco, Marcelino escreveu: «Sua casa está em condições tão ruins que, em consciência, não posso deixar os Irmãos e os alunos aí».

O incidente nos ensina lição importante a respeito de Marcelino Champagnat. Embora generoso, sabia quando era necessário dizer “não”. Dado que nem ele nem os Irmãos eram exigentes, a situação de Marllhes deve ter sido horrível mesmo. Pobreza e simplicidade marcavam os membros do Instituto. Marcelino, no entanto, insistia que fosse providenciada boa acomodação para o bem-estar das pessoas a seu encargo.

Compreendia, também, que certos elementos, tais como alojamento satisfatório, devem existir em qualquer empreendimento educacional para ser eficiente. Marcelino gostava de repetir que não se pode educar as crianças sem antes amá-las. Pelo fato de lhes fornecer abrigo adequado, era jeito de demonstrar esse amor em ação.

Crise de vocações

Em fevereiro de 1822, o Instituto era formado por dez Irmãos. Os dotes variavam, nem todos achavam lugar nas escolas. Alguns tinham habilidades que produziam o necessário

para a comunidade ou eram valiosos na administração interna. Um vocacionado, por exemplo, era hábil tecelão. Seu engenho rápido substituía os pregos como meio de sustentar os Irmãos.

Marcelino andava preocupado. As vocações pareciam ter-se esgotado; ficava pensando se o Instituto e sua missão teriam futuro. Como sempre, voltou-se para Maria e transferiu seus problemas a ela. O jovem sacerdote dizia, com efeito: «Esta obra é sua; se quiser que floresça, deve fornecer-nos meios para que isso suceda».

Em março do mesmo ano, certo jovem procurou ser admitido no grupo de Marcelino. Vinha de família proeminente, conhecida pela riqueza e piedade. O rapaz já passara seis anos com os Irmãos das Escolas Cristãs, em Saint-Chamond, mas o tinham mandado para casa.

Depois de uma experiência de três dias, Marcelino recusou admiti-lo no Instituto. «O senhor me receberá se lhe trouxer meia dúzia de bons postulantes?», foi a pergunta do jovem. Acreditando que apenas um milagre poderia conseguir esse resultado, o padre aceitou o desafio.

Duas semanas mais tarde, o rapaz voltou a La Valla com outros oito companheiros. Sem dúvida, Marcelino ficou surpreso. Embora diversos do grupo o impressionassem bem, decidiu não aceitar nenhum deles? Por quê? Primeiro porque sabia pouca coisa a respeito deles; segundo porque a casa não dispunha de suficiente espaço para alojá-los.

Os recém-vindos, contudo, ficaram muito impressionados com Marcelino, e lhe suplicaram que os deixasse ficar. Marcelino reuniu os Irmãos mais antigos da comunidade e pediu-lhes o parecer. Percebendo que ele acreditava que a Providência tinha interferido na chegada do grupo, os Irmãos aconselharam a admissão, mas recomendaram que os postulantes fossem submetidos a testes especiais para comprovar-lhes a vocação.

Duas semanas mais tarde, o líder do grupo saiu, outros cinco o acompanharam com o passar do tempo. Dos três que ficaram, dois morreram como Irmãos Maristas: Irmãos Hilarião e João Batista, que se tornou Assistente do Superior Geral e primeiro biógrafo de Marcelino.

A história tem um fim bastante feliz. Os oito jovens tinham sido recrutados na região do Alto Loire, região que Marcelino não tinha considerado para buscar vocações. Logo enviou um recrutador para sondar o clima. No espaço de seis meses, mais de vinte postulantes provieram da região. Anos mais tarde, Marcelino repetia que «foi Nossa Senhora do Puy que os enviou».

Outros empecilhos

Em abril de 1822, o Inspetor Guillard, da Academia de Lião, chegou inesperadamente a La Valla. Sua missão? Investigar relatórios a respeito do ensino clandestino do Latim. Apenas

a Academia, conselho escolar de classificação, podia autorizar essa disciplina, era privilégio daquela instituição guardado ciosamente.

O inspetor ficou frustrado ao não achar a presença de estudantes nem evidência de haver aulas de Latim. O ano escolar estava acabando; os boatos a respeito de aulas de Latim eram sem fundamento.

Guillard, no entanto, descobriu que Marcelino falhara em buscar, em tempo, a autorização legal do Instituto, que fundara cinco anos antes. Esse descuido deixou o inspetor perplexo. Quando indagado a esse respeito, o padre explicou simplesmente que desejava estar certo de que o Instituto sobreviveria antes de solicitar-lhe a aprovação. De novo, vemos aqui evidência do realismo e senso prático de Marcelino: conseguir autorização para uma aventura que depois falhasse seria satisfação ilusória e vazia.

Antes de sair, o inspetor fez uma volta pela casa usada por Marcelino e seus Irmãos. Não ficou bem impressionado: «Visitamos a sede da congregação», relatou mais tarde, «tudo aí evidenciava pobreza, até não pouca desordem». Em defesa da capacidade dos primeiros Irmãos na manutenção da casa, note-se que a construção de um novo refeitório estava em andamento, devido ao aumento do número de candidatos; alterações no celeiro também estavam sendo feitas para conseguir espaço adicional no dormitório.

Não resta dúvida que Marcelino e os Irmãos fossem pobres. O Irmão Lourenço, um dos primeiros e fiel discípulo do Fundador, assim descreve as condições materiais da comunidade inicial: “ Éramos muito pobres no começo. O pão era da cor da terra, mas sempre tivemos o necessário”. Malgrado as duras condições, o espírito de generosidade e o bom-humor, que marcaram o primeiro grupo de jovens discípulos, nunca deixou de transparecer.

Outra vez às voltas com Bochard

O vigário-geral Bochard ouviu dizer que oito postulantes tinham ingressado no Instituto de Marcelino e que outros estavam chegando. A fonte dessas informações? Rebod, o pároco. Receando ele que, se o Instituto nascente desaparecesse, recaísse sobre ele alguma responsabilidade financeira para com os jovens de Marcelino, remeteu carta ao vigário-geral. Ao perceber que a fundação de Marcelino estava se expandindo além das expectativas, Bochard julgou o tempo propício para agir.

O vigário-geral respondeu à carta do pároco. Sem revelar o conteúdo da observação de Bochard, Rebod tentou intimidar Marcelino. Sugeriu que o não-cumprimento das diretivas da carta do vigário-geral poderia levar à suspensão das funções sacerdotais. Depois que o coadjutor finalmente conheceu os detalhes da mensagem de Bochard, compreendeu que as acusações levantadas contra ele eram falsas. Entrou em contato com o escritório do vigário-geral e marcou uma entrevista.

Não temos certeza a respeito da data do segundo encontro entre Marcelino e Bochard. É provável que tenha sido em novembro de 1822. Desde o início, o jovem padre compreendeu que o vigário-geral tinha sido bem informado. Apontando no mapa, por exemplo, sabia indicar os lugares onde os Irmãozinhos estavam dirigindo escolas. Bochard recomendou união imediata dos Irmãos de Champagnat com sua Sociedade da Cruz de Jesus. E que razões apresentou? Estes possuíam autorização legal. O coadjutor, agora convencido de que seus Irmãozinhos sobreviveriam e cresceriam, também a desejava. Marcelino evitou qualquer comentário e despediu-se do vigário-geral logo que a cortesia o permitisse. Sabia, naturalmente, que não seria a última vez que veria Bochard, nem que estaria finalmente livre de suas conspirações.

O jovem padre, porém, não estava completamente sem defesa. Bochard era apenas um dos três vigários-gerais; os dois outros estavam favoravelmente dispostos a Champagnat e a seus Irmãos. Depois do segundo encontro com Bochard, o fundador pediu um encontro com o padre Courbon, primeiro vigário-geral.

Desde o início, Marcelino falou muito claramente: «O senhor conhece meu projeto – disse a Courbon. Entreguei-me totalmente a ele. Dê-me sua opinião sincera a esse respeito. Estou pronto a abandoná-lo, se assim quiser que faça. Desejo apenas a vontade de Deus». O primeiro vigário-geral respondeu em tom de apoio, dizendo: «Não vejo por que devam aborrecê-lo dessa maneira. Está desenvolvendo obra excelente ao formar professores para nossas escolas. Prossiga; não se perturbe com o que a gente diz».

O próximo encontro de Marcelino com o vigário-geral dar-se-ia um ano depois. Entrementes, deu-se um acontecimento que lançou novas luzes sobre o caráter da espiritualidade do Fundador dos Irmãozinhos de Maria.

O *Lembrai-vos* na neve

Em fevereiro de 1823, Marcelino soube que o Irmão João Batista, em Bourg-Argental, acamara-se acometido de séria doença. Preocupado com sua condição, o jovem sacerdote pôs-se a percorrer vinte quilômetros pelas montanhas íngremes para visitá-lo. Junto com ele partiu o Irmão Estanislau.

Na viagem de regresso, caminhando pelos matos, os dois viandantes foram surpreendidos por furiosa tempestade de neve, típica da região. Ambos eram jovens e cheios de energia, mas o vaguear pelas encostas do monte Pilat os levou à exaustão. O Irmão Estanislau chegou aos limites de suas forças. Caiu a noite; a possibilidade de morrer na neve aumentava com o perpassar das horas. Os dois voltaram-se para Maria, suplicando-lhe que os ajudasse: rezaram o *Lembrai-vos*.

Depois de pouco tempo, viram a luz de uma lanterna a distância, não longe de onde se encontravam. Um camponês, o senhor Donnet, saíra de casa para dar uma olhada ao estábulo próximo. Nessa noite, seguira um roteiro diferente, especialmente debaixo da tempestade que se desencadeava. Por hábito, entrava na estrebaria por uma porta mais

cômoda que se abria junto à parede da casa. Por razões que só podem ser explicadas pela fé, nessa noite, enfrentou o vento e a neve; escolheu um caminho fora da casa levando a lanterna. Para o resto de seus dias, Marcelino considerou sua libertação e a do Irmão Estanislau como ato da Providência. O evento foi daí em diante conhecido como o «*Lembraí-vos na neve*».

A espiritualidade de Marcelino

Até aqui, fomos acompanhando o desenrolar de acontecimentos na vida de Marcelino Champagnat. Mas agora devemos nos perguntar que luzes interiores nos oferecem esses eventos a respeito da pessoa e de sua espiritualidade? Sem hesitar, podemos concluir que enfrentou alguns desafios formidáveis ao longo do caminho: falta de preparação adequada para os estudos no seminário, dificuldades acadêmicas, um pároco conturbado e perturbador, e um ambicioso vigário-geral. Cada situação o formou, afinando nele diversas virtudes: caridade, otimismo, iniciativa e perspicácia política.

O episódio que veio a ser conhecido como o *Lembraí-vos na neve* abre outra janela a respeito de Marcelino e sua espiritualidade. Em primeiro lugar, qual o motivo de haver empreendido essa caminhada? A preocupação com um Irmão doente. O grande amor do Fundador aos primeiros Irmãos esteve entre seus predicados mais recordados. O mundo de Marcelino podia ser pequeno, comparado com o de muita gente hoje. Mas nada era pequeno para seu coração. Vivia o «cristianismo prático»; o amor sempre se traduz em ação concreta. O Irmão estava doente, o Fundador saiu para visitá-lo.

Dito isso, podemos imaginar o que impelia o jovem padre a empreender a viagem de regresso, perante ameaçadora tempestade de neve. Alguns achariam que, no mínimo, a viagem de regresso de Bourg-Argental foi ato de imprudência do Fundador.

Quaisquer que fossem as outras razões que motivaram o retorno, podemos especular que o senso da presença de Deus, a confiança em Maria e em sua proteção o levaram a empreender essa viagem, quando outros poderiam hesitar. Seu recurso ao *Lembraí-vos* em face do perigo não foi esforço de moribundo. Marcelino, nessa época da vida, estava consciente da contínua e poderosa presença de Deus; Maria, também, interviera por ele numerosas vezes, de maneira que podia contar com sua proteção, sem dúvida. O *Lembraí-vos na neve* foi simples manifestação externa da bem mais profunda realidade espiritual de Champagnat.

Bochard posto fora de combate

Bochard decidiu aumentar a pressão sobre Marcelino. No encerramento do retiro dos padres em agosto de 1823, o vigário-geral ameaçou fechar a casa dos Irmãos e impor sanções eclesiais ao jovem sacerdote, até mesmo transferi-lo da paróquia de La Valla, a menos que concordasse em unir seu Instituto com o grupo de Bochard. O coadjutor

começou a mover-se imediatamente, apoiando-se em amigos colocados em escadões superiores, que o animaram a permanecer firme.

O vigário-geral empregou meios drásticos para romper a resistência de Marcelino. O padre Dervieux, pároco na cidade próxima de Saint-Chamond, inspirado por Bochard, atacou Marcelino, indicando que os jovens discípulos seriam deixados sem abrigo, se a casa fosse fechada.

O padre Rebod aproveitou a ocasião, tentou humilhar publicamente seu coadjutor mais uma vez. Ofereceu-se para contratar os Irmãos ou ajeitar sua admissão em outras Congregações, se renunciassem ao Fundador. João Duplay, até então diretor espiritual de Champagnat, recusou aconselhá-lo. Esse foi o golpe mais sentido pelo jovem sacerdote. Duplay, influenciado por relatos repletos de preconceitos a respeito de Marcelino, recusou-se continuar a encontrar-se com ele.

Qual foi a resposta de Marcelino nessas situações? De início, teve dúvidas; chegou a pensar em partir para as missões na América. Achou que poderia levar consigo os Irmãos na viagem pelo Atlântico. Perguntou-lhes o que pensavam a esse respeito. Sua resposta? Estariam com ele, não importa a decisão que tomasse.

A estratégia do jovem padre começou com uma novena de jejuns e orações. Empreendeu outra peregrinação a Louvesc, junto ao túmulo de seu santo predileto, João Francisco Régis.

Depois, continuou a abrir escolas. Em 1823, nada menos do que três foram fundadas. Marcelino se consolava sabendo que tinha apoio sólido da parte de algumas autoridades diocesanas e de muitos colegas de sacerdócio. Em pouco tempo os ventos mudariam decisivamente a seu favor, devido a um acontecimento inesperado.

Um novo bispo para Lião

Em 1823, Leão XII foi eleito papa, após a morte de Pio VII. Em 23 de dezembro de 1823, nomeou o arcebispo de Pins administrador apostólico da arquidiocese de Lião. Chegavam ao fim os dias do vigário-geral Bochard, que governara a diocese em nome do cardeal Fesch, ausente.

Bochard transferiu-se de Lião para a diocese de Belley. Sua partida tirou grande peso dos ombros de Marcelino e de seus Irmãos. Embora o agora ex-vigário-geral continuasse a questionar a legalidade da indicação de Pins, sua transferência para outra diocese o tornava inofensivo em questões de administração da arquidiocese de Lião.

Em fins de março de 1824, Marcelino foi a Lião para encontrar-se com o novo arcebispo. Em presença de diversos clérigos amigos e colaboradores, de Pins deu ao jovem padre as bênçãos da diocese, dirigiu-lhe palavras de ânimo e auxílio financeiro para fazer avançar a obra. Um historiador daquele período nos relata que, após o encontro com o arcebispo,

Marcelino «foi ao santuário de Nossa Senhora de Fourvière, àquela capelinha onde os primeiros Maristas empenharam a vida a Maria, e passou muito tempo diante do altar da Virgem... profundamente absorto».

A construção de Nossa Senhora de l'Hermitage

Por volta de 1824, o Instituto de Marcelino tinha se desenvolvido tanto que precisava da ajuda de outro padre. O conselho arquiepiscopal, em 12 de maio, designou o padre Courveille como auxiliar.

A chegada do padre liberou Marcelino para a realização de um projeto que há muito aninhava no coração: a construção de um edifício espaçoso para abrigar o crescente número de Irmãos. Comprou um terreno de certa extensão, com área superior a vinte mil metros quadrados, em local bem abrigado, no vale do rio Gier. Limitado a leste e oeste por montanhas abrutadas, continha um bosque de carvalhos e era bem irrigado pela água do rio. Em fins de maio, o vigário-geral Cholleton benzeu a pedra fundamental; a construção começou em seguida.

Marcelino com seus Irmãos trabalharam sem descanso nos meses de verão e início do outono de 1824. Extraíam as pedras e as carregavam até à construção, retiravam areia do rio, faziam argamassa e ajudavam os profissionais, que foram contratados para os trabalhos mais especializados. Alojados em casa velha, alugada no lado oposto ao rio, o grupo se reunia para a missa matutina em pequeno abrigo no bosque de carvalhos. O local ficou conhecido como *a capela do bosque*. Um caixote servia de altar, um sino, suspenso no galho de uma árvore, convocava a comunidade para a oração. Eram dias pesados para todos os envolvidos no trabalho; os jovens achavam apoio uns nos outros, estavam ufanos de sua obra.

Na construção do prédio de cinco andares, o Fundador era exemplo para os Irmãos. Todos os dias, era o primeiro a começar o trabalho e o último a deixá-lo, ao anoitecer. Enquanto os Irmãos apreciavam os esforços de Marcelino, alguns colegas do clero eram menos entusiastas. Não viam com bons olhos um sacerdote trajando roupas empoeiradas, de mãos calejadas com o trabalho manual. Os paroquianos de Marcelino estavam a seu lado. Amavam-no como pastor de almas, trabalhadores que eram também eles; admiravam-no como operário e construtor.

A nova construção estava pronta para ser ocupada no fim do inverno de 1825. Em maio daquele ano, os Irmãos de La Valla foram residir em Nossa Senhora de l'Hermitage. Marcelino tinha agora uma casa-mãe para seu Instituto.

No decorrer do período da construção, o Fundador não negligenciava a formação dos Irmãos. Até outubro de 1824, ainda desempenhava suas obrigações de coadjutor. Apesar do cansaço, depois de um dia de trabalho na construção, Marcelino continuava a educação religiosa e profissional dos Irmãos. Passava o anoitecer instruindo-os acerca da vida religiosa e prosseguia sua formação pedagógica.

Além da construção de l’Hermitage, Marcelino fez diversas fundações em 1824, entre as quais Charlieu e Chavanay. Continuou a trabalhar para obter a autorização legal do Instituto. Foi atrás desse objetivo sem descanso, mas sem êxito, pelo resto de seus dias. Infelizmente, o Conselho de Estado do Rei se tornava cada vez mais relutante na autorização de educadores religiosos, especialmente para as Congregações masculinas. A luta contínua de Marcelino para obter a autorização experimentou-lhe a paciência e minou-lhe as forças.

O caso de Courveille

Courveille se considerava Superior da Sociedade dos Maristas, com isso intrometia-se nos negócios dos Irmãos. Sua primeira preocupação foi com o estilo da vestimenta. Muito cedo, Marcelino estabeleceu indumentária especial para os membros de sua comunidade. Courveille alterou essas diretivas; prescreveu uma casaca de cor azul celeste, recoberta com capa azul. Mais tarde, o Fundador abandonou as duas.

Marcelino estava muito ocupado na época, assim tolerou a influência de Courveille. Este elaborou primeiramente um Prospecto para os Irmãos, e o submeteu a Cholleton, vigário-geral, para aprovação, que foi outorgada em julho de 1824. A cópia final do Prospecto diminuía o leque dos esforços apostólicos que Marcelino tinha proposto no esboço original. É de notar o fato de que o Prospecto contém a primeira referência oficial aos “Irmãozinhos de Maria”.

Embora carismático, Courveille era mandão e, por vezes, faltava-lhe o bom senso. Ao tratar com as autoridades municipais de Charlieu, dois fatos o demonstram amplamente. Sondado por Marcelino para ajudá-lo a estabelecer uma escola aí, Courveille foi rápido em solicitar que se construísse também um noviciado para os Irmãos. Isso na época em que o Fundador estava trabalhando para construir essa estrutura em l’Hermitage.

Courveille mostrava-se também entusiasmado com fundação de um centro para padres missionários. Pediu ao Conselho Municipal de Charlieu ajuda financeira para o projeto. No final, tudo o que tinha ficado de pé entre todas aquelas idéias ambiciosas era uma escola dirigida pelos Irmãos Maristas.

Por mais difícil que o procedimento de Courveille tenha sido até aqui, a situação que Marcelino deveria enfrentar seria pior, quando todos os Irmãos se transferiram para l’Hermitage.

Perguntas para a reflexão

1. Marcelino estava consciente da presença de Deus e dependia em tudo de Maria. Depois de ter lido sua vida até aqui, há outros aspectos de sua espiritualidade que atraem a sua atenção? Se for o caso, quais são e como se desenvolveram em Marcelino?

2. A espiritualidade de você assemelha-se à de Marcelino de alguma modo? Se sim, de que modo?

Capítulo V

“A adversidade prossegue...”.

Em maio de 1825, Marcelino, juntamente com Courveille, vinte Irmãos e dez postulantes, transferiram-se para l’Hermitage. No fim do mês, o Conselho Arquiepiscopal solicitou ao padre Estêvão Terraillon, outro dos aspirantes Maristas do compromisso de Fourvière, que ajudasse na instrução religiosa dos Irmãos. Marcelino, aos olhos da maioria, tinha agora dois padres para ajudá-lo, Terraillon e Courveille. Distantes ruídos surdos, contudo, já estavam repercutindo na paisagem aparentemente tranqüila.

João Cláudio Courveille era homem imprevisível. Ao sentir-se freado, o padre decidiu estabelecer-se superior dos Irmãos. Chegara o verão; todos estavam em l’Hermitage. Courveille reuniu os Irmãos e dirigiu-lhes longa palestra, concluindo com as palavras: «É necessário que vocês escolham um dos padres que estão aqui para dirigi-los [isto é, Terraillon, Courveille ou Champagnat]. Estou pronto a sacrificar-me por vocês».

Os Irmãos não queriam nada com sua oferta. Solicitados a escrever em papeleta sua escolha de um superior, todos votaram em Marcelino. Receando que tivesse sido dado tempo insuficiente para a reflexão na questão, ou talvez porque considerassem Courveille superior do grupo das Congregações Maristas, o Fundador pediu-lhes que votassem uma segunda vez. O resultado do escrutínio? Marcelino, mais uma vez.

Courveille não era homem para desistir tão facilmente. Em novembro de 1825, quando o Fundador estava ausente em visita às escolas dos Irmãos, assumiu o papel de superior; escreveu a todos os Irmãos, informando-os do fato. Secundado por Terraillon, criticou os que estavam em l’Hermitage, que falavam do ausente Marcelino como superior.

Marcelino cai seriamente doente

No dia seguinte ao Natal de 1825, o Fundador sentiu-se doente. Dentro de uma semana, a morte parecia iminente. Abatido por diversas preocupações, apesar de dois meses de mau tempo fora de época, o jovem sacerdote continuou a visitar as dez comunidades de Irmãos espalhadas pela região. Courveille mandou logo carta a todos os Irmãos pedindo orações pelo Fundador.

Alguns credores de Marcelino, alarmados com a notícia, exigiam pagamento imediato. O Fundador, preparado para o pior, fez o testamento em 6 de janeiro de 1826. Infelizmente, a única herança que podia deixar eram dívidas. Não foram muitos que fizeram fila para receber essa herança. Marcelino e os Irmãos sofreram profundamente nesse período; Courveille e Terraillon foram de pouca ajuda. Em 1833, em carta a Cholleton, vigário-geral, o Fundador descreveu esta comovente situação: «Durante longa e séria doença, quando dívidas enormes pesavam sobre minha cabeça, desejava indicar o padre Terraillon meu único herdeiro. Ele recusou a herança, dizendo que eu não tinha nada. Junto com o

padre Courveille, não cessava de dizer aos Irmãos: ‘Em breve os credores virão para mandar vocês embora daqui. Nós nos mudaremos para a paróquia e os deixaremos entregues a vocês mesmos’».

O Irmão Estanislau decidiu entrar em contato com as autoridades diocesanas e com os credores. O resultado foi que o padre Dervieux, pároco de Saint Chamond, assumiu as dívidas do Fundador, com quem se entendia de novo. O padre Verrier, amigo sincero da época de seminário, também apresentou-se para ajudar.

Marcelino se restabelece

Marcelino recuperou-se da doença, mas sua constituição foi abalada para sempre. O senso prático do Fundador, seu otimismo, a confiança na presença de Deus e na Providência, tudo colaborou para inspirar outros a dar-lhe ou emprestar-lhe dinheiro em apoio da obra empreendida. Embora consciente da necessidade de pagar as dívidas, Marcelino nunca parecia preocupado com o dinheiro.

A doença do padre Champagnat ensinara-lhe lição muito importante: «Por fim, escreveu, Deus em sua misericórdia, talvez em sua justiça, restabeleceu-me a saúde. Constatei nessa circunstância que nem um nem outro, isto é, nem Courveille nem Terraillon, tiveram para com meus Irmãos sentimentos de pai».

Courveille, conforme foi dito antes, assumira a direção durante a doença do Fundador, período em que deixou os Irmãos muito insatisfeitos. Queria que os noviços seguissem suas ordens sem indagar nada. Eram tantas e tão restritivas que sufocavam a exuberante vitalidade dos jovens. Courveille não aceitava queixas, aparentemente indiferente ao fato de que os jovens Irmãos estavam abandonando a vocação. Marcelino, ainda retido no leito, pediu a Courveille fosse mais indulgente e paternal na direção dos Irmãos. Estava falando inutilmente; o pedido caiu em ouvidos moucos.

Motivado pela ambição e pelo ciúme ao ver o amor dos Irmãos por Marcelino, Courveille começou por desacreditá-lo junto às autoridades arquidiocesanas. Apresentou ao arcebispo uma lista de queixas a respeito do Fundador. O padre Cattet, um dos vigários-gerais, foi enviado a l’Hermitage para investigar.

Cattet não gostou do que achou. O vigário-geral ordenou a Marcelino, agora convalescente na casa do padre Dervieux, em Saint Chamond, de empregar mais tempo na instrução dos Irmãos, proibiu-lhe de empreender quaisquer futuros projetos de construção; insistiu em que se dedicasse menos às coisas materiais. De regresso a Lião, Cattet também traçou o plano de fundir os Irmãos de Marcelino com os Irmãos do Sagrado Coração, recém-fundados pelo padre Coindre. Este não se agradou da idéia. O arcebispo, porém, embora preocupado com a precária situação financeira do Instituto, não apoiou o plano de Cattet. Depois da morte repentina de Coindre, o vigário-geral ressuscitou o plano. Em 8 de agosto de 1826, o conselho do arcebispo vetou qualquer fusão.

A tentativa de Courveille de desacreditar Marcelino aumentou a tensão em seu relacionamento com os Irmãos. Pouco depois ocorreu um incidente que marcou o fim da associação de João Cláudio Courveille com os Irmãozinhos de Maria.

Courveille cai em desgraça

Vimos que João Cláudio Courveille era fonte de muitas dificuldades para Marcelino e sua comunidade nascente. Era homem muito mais perturbador do que parecia, com limitações psicológicas e morais. Pouco depois da visita apostólica de Cattet, Courveille abusou de um dos postulantes em l'Hermitage. O padre Terraillon, ao saber do caso, relatou-o ao padre Barou, outro vigário-geral. Era necessário tomar medidas: Courveille devia sair imediatamente de l'Hermitage. Foi para a abadia cisterciense de Aiguebelle, a 120 quilômetros mais ao sul.

Quem era João Cláudio Courveille? Vimos que, desde a ordenação, se mostrara ativo para incentivar a fundação de congregações religiosas. Ele próprio tentou fundar uma casa para os padres em Charlieu, considerando-se, de maneira que não deixava dúvidas, superior geral dos Maristas.

Apesar dos esforços e proeminência, Courveille não conseguiu o apoio dos Maristas mais em evidência. No período entre 1822 e 1824, por exemplo, João Cláudio Colin chegou à conclusão de que Courveille não era a pessoa indicada para conduzir o grupo. Deixou de mencionar seu nome em toda a correspondência com as autoridades romanas.

Não há dúvida de que João Cláudio Courveille, junto com outros, tinha em vista um desenvolvimento mundial das Congregações Maristas que hoje conhecemos. Embora repleto de idéias, vacilava. Courveille, mais tarde, achou sossego na abadia de Solesmes, na Bélgica. Aceito em 1836, levou vida exemplar durante muitos anos e morreu como religioso. Nunca esqueceu a Sociedade de Maria, até o fim da vida; considerava-se seu fundador.

Mais dores de cabeça

Com a saída de Courveille, a vida em l'Hermitage acalmou-se? Infelizmente não. Os problemas financeiros continuaram, embora outras pessoas se preocupassem mais com eles do que Marcelino. O otimismo do Fundador no concernente ao dinheiro, contudo, não era suficiente para deter saídas do Instituto. Courveille convenceu alguns Irmãos que, com o aumento das dívidas, o projeto de Marcelino estava fadado ao fracasso. Seduziu dois ou três para que se juntassem a ele para outra fundação religiosa que estabelecera na diocese de Grenoble.

O Irmão João Francisco, entre os primeiros discípulos de Marcelino, muito caro a seu coração, abandonou o Instituto nessa época, como fez João Maria Granjon, seu primeiro vocacionado, que se tornara insatisfeito e incapaz de sossegar-se.

O conceito de santidade de João Maria o levava a algumas práticas impróprias à saúde. Vestia camisas de tecido grosseiro, flagelava-se sem dó, punha-se a rezar durante horas ao relento, em pleno inverno, de braços estendidos. Muitos Irmãos receavam que se tornasse mentalmente desequilibrado. Não foi possível levá-lo a um raciocínio condigno. Em fins de outubro de 1826, João Maria foi despedido da Congregação.

O padre Terraillon saiu de l'Hermitage no mesmo ano. Sentia-se descontente havia muito tempo; aproveitou a ocasião de um convite para pregar sermões do jubileu para sair. Marcelino sentiu muito a saída, e os Irmãos menos. Diversos tinham tido dificuldades com ele. Terraillon, mais tarde, esteve entre os primeiros membros dos Padres Maristas a emitir votos em 1836; foi assistente geral do padre Colin.

Se 1826 foi ruim para Marcelino, não conseguiu enfraquecer-lhe o zelo ou abalar-lhe a confiança em Deus. Abriu nada menos que três novas escolas. Aquelas já em funcionamento estavam conseguindo êxito sem precedentes. Carta de João Cláudio Colin, fundador dos Padres Maristas, foi outra fonte de consolação. Com a data de 5 de dezembro de 1826, pode-se ler esta passagem: «Não posso admirar devidamente as bênçãos que Deus concedeu a esta obra importantíssima e necessária de educar a juventude».

Marcelino se esforçava para ajudar os Irmãos na manutenção do fervor e do espírito de pobreza. Se o ano anterior tinha sido difícil para ele, não o foi menos para os Irmãos. O Fundador estava mais do que nunca desejoso de ter outro sacerdote para l'Hermitage. Com a insistência do padre Barou, vigário-geral, o arcebispo de Pins pediu ao recém-ordenado padre Séon que fosse ajudar os Irmãos. Mostrou-se muito satisfeito em poder colaborar.

Mais perturbação nas fileiras

Depois das dificuldades de 1826, Marcelino deve ter dado um grande suspiro de alívio, porque 1827 se anunciava como ano excepcionalmente sossegado. Essa tranqüilidade desapareceria por questão insignificante, a indumentária!

Marcelino, depois da saída de Courveille, mudou a indumentária azul que este impusera aos Irmãos. Daqui para a frente, trajariam batina e manto pretos, cordão da mesma cor e o rabá branco. O chapéu triangular completava a vestimenta. Os Irmãos que tivessem feito profissão perpétua usariam o crucifixo. No retiro anual de 1828, Marcelino introduziu outras mudanças: a primeira foi a substituição da parte superior da batina por colchetes em lugar de botões. A parte inferior da batina seria costurada. A maioria dos Irmãos aceitou essa modificação.

Não aconteceu a mesma coisa com a segunda. Até então, os Irmãos tinham usado meias de lã ou de algodão. Por certo número de razões, o Fundador desejava introduzir meias de pano. As objeções surgiram de imediato. Alguns Irmãos se tornaram muito exaltados, a tal ponto que decidiram apelar a dois vigários-gerais da diocese. Os Irmãos mais antigos,

receando que as coisas saíssem fora do controle, foram ter com o Fundador e o informaram do que estava acontecendo.

Marcelino enfrentou o dilema. Homem de oração, pediu as luzes de Deus para resolver o assunto. Depois, procurou chamar à razão os dissidentes. Todos os Irmãos, afora dois, se conformaram com as diretivas. Embora fossem competentes e influentes, sua vida religiosa era deficiente. O Fundador valeu-se da oportunidade para falar a ambos a respeito de suas obrigações. Os esforços foram inúteis; em outubro do ano seguinte, ambos abandonaram o Instituto.

Que poderíamos pensar dessa tempestade em copo de água por uma questão de meias? Marcelino era filho da Revolução. Opunha-se à elegância no trajar. Do ponto de vista religioso, queria igualmente incentivar o espírito de pobreza. Os primeiros Irmãos não tiveram vida fácil, do ponto de vista material. As privações sofridas, contudo, ligavam-nos mutuamente e os faziam partilhar o pouco que tinham e, por outro lado, tornavam-nos mais propensos a pensar na necessidade de viver muito próximos da situação daqueles a quem eram chamados a servir.

O Fundador também procurou fortalecer a linha da autoridade dentro do Instituto. Não que fosse autocrata, mas compreendeu que o individualismo excessivo acaba com o espírito de sacrifício e a cooperação dentro do grupo. Desejava assegurar que não se entrava na Congregação dos Irmãozinhos de Maria para encontrar vida cômoda.

O fim de uma década

O Instituto continuava a prosperar. Em 1829, escolas foram abertas em Feurs e Millery. Nesse mesmo ano, os Irmãos adotaram um novo método de ensino da leitura. O apreço pelo seu trabalho aumentava.

Enquanto a década se encerrava, o Fundador deve ter olhado para trás com satisfação pelo que deixou transparecer. Há pouco, comprara mais um pedaço de terra na vizinhança de l'Hermitage; as autoridades arquidiocesanas aprovaram a profissão e renovação de votos na comunidade; o Instituto conseguira a estima e o apoio das autoridades locais; dizia-se que o arcebispo estava interessado em ajudar a fundação dos Padres Maristas. Em meio a todas essas boas notícias, e com a nova década se aproximando, Marcelino podia ter pensado que as dificuldades tinham ficado para trás. A revolução de 1830 obrigou-o a rever suas opiniões.

Perguntas para a reflexão

1. Marcelino enfrentou decepções, doença quase mortal, manipulações do vigário-geral Bochard, caráter difícil e encenqueiro do pároco, saída dos primeiros discípulos. Deve ter tido grandes recursos interiores para suportar tantas provações. De acordo com o que você

sabe a respeito de Marcelino até aqui, quais poderiam ter sido esses recursos interiores? De que maneira o sustentaram?

2. De que recursos interiores você se vale para enfrentar os desafios em sua vida? Na prática, que pode fazer você para aprofundar esses recursos?

Capítulo VI

“O crescimento continua...”.

A revolução de 1830 provocou conflitos entre a Igreja e o Estado. O tema da educação foi constante campo de batalha para essas duas instituições. O pedido de Marcelino para a autorização do Instituto ficou no meio desse fogo cruzado.

No início de junho de 1830, tanto o arcebispo de Pins como o Fundador tinham grande esperança de conseguir o tão suspirado reconhecimento legal do Instituto dos Irmãozinhos de Maria. Essa esperança desapareceu quando as eleições, feitas no mesmo mês, incentivadas pelo anticlericalismo, resultaram em vitória esmagadora para os oponentes ao rei.

Alguns membros do clero, assustados, muitos deles ferrenhos realistas, deixaram o traje religioso, tentando ficar despercebidos o mais possível. Marcelino aconselhou aos Irmãos ficar fora do conflito, colocar a confiança em Deus, redobrar esforços na educação das crianças, incluindo-se a instrução cristã.

O Fundador parecia imperturbável diante dessa agitação. Em agosto de 1830, recebeu postulantes no Instituto e revestiu-os com o hábito religioso. Pediu a proteção especial de Maria em tempo tão difícil de perturbação social e política com a introdução da *Salve-Rainha*, que seria a primeira oração comunitária na jornada dos Irmãos, prática continuada até hoje.

Dias difíceis

Com o passar do tempo, crescia o anticlericalismo. Apesar disso, os Irmãos continuavam a usar a batina em público. Esse fato, junto com o conhecimento de que o arcebispo de Pins, um realista, era favorável a Marcelino, deu aso a boatos a respeito do Fundador. Circulavam informações que l’Hermitage estava cheia de armas, os Irmãos faziam manobras militares diárias e abrigavam um líder anti-revolucionário. Em 31 de julho de 1831, um procurador real junto com policiais apareceu em l’Hermitage para investigar.

Penetraram na casa e encontraram-se com Marcelino, que fora chamado às pressas. Começando pela adega, levou o procurador e a tropa por todo o edifício. O ardor dos visitantes esfriou logo. Sugeriram acabar com a busca. Marcelino não concordou. Insistiu em que a inspeção prosseguisse. Completado o trabalho, convidou o procurador e os acompanhantes para tomar alguns refrescos. Todos aceitaram essa oferta de hospitalidade. Na saída, o procurador voltou-se para o padre dizendo-lhe: “Prometo-lhe que a visita tornará a seu favor».

Fiel à palavra, o relatório do procurador desfez os rumores que circulavam a respeito de l’Hermitage. Louvou o trabalho de Marcelino e dos Irmãos. Sem dúvida, Champagnat era homem muito prático e politicamente arguto.

Avanços adicionais

A Sociedade Maria estava crescendo na arquidiocese de Lião. O Conselho do arcebispo nomeou Marcelino superior do grupo que se encontrava lá. Além disso, concedeu a l'Hermitage outro capelão na pessoa do padre Jacques Fontbonne. Por essa época, os padres das dioceses de Lião e de Belley, associados ao movimento Marista, elegeram João Cláudio Colin Superior Geral dos Padres Maristas.

Marcelino tinha estabelecido um regulamento para os Irmãos no decorrer dos anos. As primeiras cópias eram feitas a mão, e o texto revisto com a abertura de cada nova fundação. Ao escrever o regulamento, o Fundador usou o método de ampla consulta: os Irmãos mais experientes foram convidados a refletir, discutir e responder ao conteúdo. O texto foi acabado e impresso em 1837. O processo empregado na formulação do regulamento é exemplo do espírito de colegialidade de Marcelino e de sua habilidade em ouvir os outros e aprender deles.

O regulamento de Marcelino deu aos Irmãos um esquema para sua vida religiosa. Em 1836, por exemplo, os noviços que anteriormente emitiam votos em particular, agora fizeram profissão pública. De todos, incluindo-se os superiores, requeria-se alguma espécie de trabalho manual. O regulamento impresso de 1837 assentou muitos aspectos da vida dos Irmãozinhos de Maria.

A perseguição aumenta

No alvorecer de 1831, os anticlericais redobram os ataques contra a Igreja. O campo da educação era alvo preferido. Uma ordenança real exigia a conscrição para o serviço militar de todos os professores das escolas religiosas sem autorização. Se essas diretivas fossem levadas adiante, o resultado seria o enfraquecimento do ainda não autorizado Instituto de Marcelino.

Poderia a situação piorar ainda mais? Sim. As novas autoridades do Loire visavam especialmente os Irmãozinhos de Maria. Cipião Mourgue, novo chefe do Departamento, afirmou: “ O instituto dos Irmãos Maristas não merece nenhum tipo de apoio, dado que é publicamente conhecido que os indivíduos que saem dele estão em ignorância deplorável... Em Feurs instalaram o que chamam seu ensino, mas acho que poderia ser denominado garantia de ignorância... Por demasiado tempo a França se inclinou perante o sabre e o turíbulo», isto é, o rei e a Igreja.

Mourgue, mais tarde, irritou-se ao verificar que a população local não queria que os Irmãos saíssem das escolas; por isso atacou também esse povo, dizendo: «Estou vendo que a gente atrasada daqui deseja manter esse sistema degradante». Muitas dessas «pessoas atrasadas» já tinham vivido no período do colapso educacional depois da Revolução de 1789, não tinham interesse algum que a história se repetisse.

A escola de Feurs é fechada.

Ignorando a vontade do povo, o prefeito anticlerical de Feurs estava determinado a expulsar os Irmãos daí. Apesar de muitas concessões por parte de Marcelino, o prefeito ordenou aos Irmãos que saíssem.

Em resposta a essa ordem, Marcelino escreveu: «Observo resignado... a destruição da obra dos Irmãos, embora tenha feito todos os esforços necessários para salvar a escola, cuja fama crescia constantemente. Estou indicando aos Irmãos que devolvam o mobiliário que for propriedade da cidade».

Essa carta do fundador nos diz muito sobre o que ele era e de sua espiritualidade. Em notável contraste com a primeira avaliação de Cipião Mourgue, Marcelino expressa pesar, resignação e sentimento de propriedade – os Irmãos devem devolver a mobília pertencente à cidade. Não há ameaças, predição de conseqüências danosas, irritação. O tom de serenidade e paz interior são evidentes nas palavras de Marcelino: sugerem que as provações sofridas na vida lhe purificaram o espírito.

O problema da conscrição militar e do diploma, certificado para lecionar

Naquela época o serviço militar, na França, durava de seis a oito anos. Os professores, membros de ordens religiosas, podiam ficar livres dessa obrigação, se sua Congregação tivesse autorização legal para dirigir escolas. O Instituto de Marcelino não tinha. Voltou logo sua atenção para solucionar esse problema.

Marcelino tinha duas alternativas disponíveis para conservar abertas suas escolas. Pela primeira, poderia unir seus Irmãos a outra Congregação reconhecida; pela segunda, deveria prosseguir na obtenção do reconhecimento legal. No primeiro momento, o arcebispo de Pins animou o padre para tentar mais uma vez a aprovação para seus Irmãos. Quando viu que não estava dando resultado, seguiu as recomendações do Conselho arquidiocesano, aconselhando o Fundador a juntar seus Irmãos com os Clérigos de São Viateur, do padre Querbes. Marcelino receava, contudo, que essa fusão destruísse o espírito existente entre os Irmãos. Dessa forma, continuou a resistir ao apelo para a união.

Apesar da falta de reconhecimento legal e a pressão para juntar seus Irmãos com outros institutos, Marcelino continuou a abrir escolas. Não lhe faltavam convites nesse particular. As pessoas das áreas rurais, suspeitando dos professores formados pelas escolas Normais do Estado, pressionavam as autoridades eleitas no sentido de obter o serviço dos Irmãos.

A insistência da arquidiocese para a união com outra Congregação cessou em janeiro de 1834. Infelizmente, porém, a aprovação governamental não seria conseguida enquanto Marcelino estivesse em vida. Os acontecimentos na história da França daquela época trabalhavam contra seu pedido. As leis das Associações, por exemplo, editadas em 1834,

visavam a curvar a militância das classes trabalhadoras, mas foram também usadas para adiar a autorização.

Aprovação dos Padres Maristas

No começo de nossa história encontramos o vigário-geral Bochard e soubemos que foi grande cruz para Marcelino. Foi também uma cruz para João Cláudio Colin e seus companheiros de sacerdócio em Belley. Bochard era competitivo, mas não gostava da concorrência. Em consequência, opunha-se à autorização da Igreja para qualquer Congregação cujos objetivos se assemelhassem aos da Sociedade da Cruz de Jesus. Infelizmente, o apostolado que os jovens padres Maristas se propunham era idêntico ao do grupo de Bochard.

O padre Courveille foi outro empecilho para a autorização. Já vimos que lhe faltavam bom senso e espírito de discernimento. Não tinha tampouco a necessária habilidade para organizar a Congregação. O padre Colin assumiu então essa tarefa.

Os bispos da região, inicialmente, também foram outro obstáculo para os jovens padres Maristas no sonho de conseguir a aprovação. Qual o bispo que diria “sim” a uma Congregação cuja existência reduziria o número de padres sob suas ordens?

Apesar dessas dificuldades, em 1824 os Padres Maristas receberam permissão de viver em duas comunidades, uma em Belley, a outra em l’Hermitage. O padre Colin foi eleito primeiro superior em primeiro lugar, em segundo, Marcelino. Este dedicava-se muito à fundação da Congregação dos Padres. Chegou a confiar a um Irmão: «Parece-me que o trabalho dos Padres Maristas é de tal importância que, se fosse necessário para o bom êxito, estaria preparado a sacrificar tudo o que tenho».

Os padres da Sociedade de Maria, de quem Marcelino era membro, estavam sempre muito próximos a seu coração. A afeição e a estima para com ele eram também evidentes. Em 1839 os padres Maristas o elegeram assistente geral de Colin.

Marcelino ajudou na fundação de outros ramos da Sociedade de Maria. Em agosto de 1832 incentivou três moças para ingressar no grupo das Irmãs Maristas de Joana Maria Chavoin, em Bon-Repos, na diocese de Belley. Chegou a enviar nada menos de quinze candidatas para congregações religiosas femininas. Entre elas uma sobrinha, havendo também uma irmã de Irmão Marista. Com seu grande entusiasmo e muita esperança no coração, Marcelino achava que a aprovação da Igreja para o sonho Marista em breve se realizaria.

Uma viagem a Roma, em agosto de 1833, feita pelo padre Colin, depressa o fez voltar à realidade.

Colin vai a Roma

João Cláudio Colin, determinado a conseguir a aprovação da Sociedade de Maria, viajou a Roma no verão de 1833. Aí encontrou-se com a frustração. Em primeiro lugar, teve dificuldade em conseguir audiência com o Papa. Depois, uma Sociedade que abrangia Padres, Irmãs, Irmãos e uma Terceira Ordem foi encarada com suspeita pelas autoridades do Vaticano. As autoridades da Igreja romana, ainda impressionadas pelo galicanismo francês, receavam a formação de grupo tão grande.

Em dezembro do mesmo ano, contudo, Colin recebeu do cardeal Odescalchi, Prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, aprovação geral para a idéia do grupo Marista. O cardeal informou-o de que a empresa era “grande demais”. Entregou o assunto ao cardeal Castracane para estudos ulteriores. Mais tarde, a conclusão foi esta: «A Sociedade constituída por quatro ramos foi considerada... um delírio. A aprovação de organização tão monstruosa não era possível».

Em abril de 1834, o cardeal Odescalchi escreveu aos bispos de Lião e Belley informando-os de que Roma achava inaceitáveis os planos de Colin, referentes à Sociedade de Maria. Citava diversas razões. Primeira: não havia necessidade de Irmãos Maristas, dado que os Irmãos das Escolas Cristãs já existiam e, aparentemente, tinham o mesmo objetivo. Segunda: existiam tantas Congregações femininas na França que seria impossível enumerá-las; por que acrescentar outra? Terceira: a Terceira Ordem de leigos que era proposta foi considerada idéia «remota», porque ignorava a autoridade do bispo a favor do Superior Geral da Sociedade de Maria. Havia alguma boa notícia em meio a tantas desgraças? Sim: Roma apoiava o pedido de Colin para organizar uma Congregação clerical e que fosse eleito o Superior Geral.

A oportunidade bate à porta

Em 1835, as autoridades do Vaticano informavam aos bispos de Lião e de Belley que os Padres Maristas podiam, depois de requerer a Roma, tornar-se Congregação interdioesana e eleger o Superior Geral. Nenhum trabalho especial foi indicado ao grupo.

O reconhecimento pleno do Instituto religioso não demorou em chegar. O Vaticano estava frustrado com as respostas ao seu apelo para o envio de missionários à Oceânia. O vigário-geral Cholleton ouviu dizer que Roma estava procurando uma Congregação para preencher o vazio. Informou Pompallier, padre que servira de capelão em l’Hermitage. Este informou logo o padre Colin. Os jovens padres aceitaram a oportunidade que lhes foi apresentada e assumiram a missão da Oceânia como campo de trabalho. Em 29 de abril de 1836, a tão esperada aprovação para a nova Sociedade de Padres chegou de Roma.

Marcelino mostrava-se mais do que satisfeito com essa aprovação de Roma da Sociedade dos Padres. A satisfação ficou ainda maior com a decisão de que a Oceânia seria o campo de missão para a Sociedade. O Fundador sempre cogitara em partir para as missões; com efeito, seu nome estava em primeiro lugar na lista dos voluntários para trabalhar na missões do Pacífico. Infelizmente, a idade e a saúde mostraram-se obstáculos para seus desejos. Além disso, sua presença como Superior dos Irmãos era importante nessa época e para o

futuro previsível. Ajudou as missões enviando um pequeno grupo de Irmãos com os primeiros padres que atravessaram o Pacífico.

Pompallier foi nomeado vigário apostólico para as missões da Oceânia; em seguida, foi ordenado bispo na igreja da Imaculada Conceição, em Roma. Ele e seu conjunto de quatro padres e três Irmãos foram a Fourvière para colocar seu trabalho sob a proteção de Maria. Depois foram a Paris. Na véspera de Natal de 1836, embarcaram no porto de Havre em direção ao Pacífico. Ao falar dos Irmãos, Marcelino disse certa vez: «O Irmão é pessoa para quem o mundo não é suficientemente vasto». A partida do navio de Havre, com três Irmãos a bordo, foi o primeiro passo que empreendeu para tornar realidade essa visão.

Perguntas para a reflexão

1. Por vezes, as contrariedades podem ser grande fonte de crescimento pessoal e espiritual. Identifique alguma contrariedade na vida de você; de que maneira o desafiou a crescer mais como pessoa e discípulo de Jesus?
2. O Fundador ficou mais do que satisfeito com a aprovação da Sociedade dos Padres Maristas. Por quais acontecimentos ou decisões da sua vida você dá graças a Deus?

Capítulo VII

“Um homem é um santo para todas as estações e para todos os tempos...”.

Estamos chegando ao final da história. Até a morte, Marcelino continuou a lutar para conseguir a autorização legal de seus Irmãos, viajando a Paris e esforçando-se junto com um ou outro funcionário do Governo ou despachante oficial. Certas vezes, os encarregados estavam dispostos a ceder, se algumas concessões fossem feitas, por exemplo: limitar as escolas dos Irmãos a certas áreas geográficas, confiná-los a povoações de mil habitantes ou menos. O Fundador não queria saber dessas restrições. Por fim, seu trabalho junto aos órgãos governamentais revelou-se um fracasso.

A autorização casualmente deu-se em 1842, dois anos depois da morte de Marcelino, quando os Irmãos da Instrução Cristã do padre Mazelier, da diocese de Valence, juntaram-se aos Irmãos de Maria. Aqueles tinham autorização em três departamentos da França. Embora não fosse o que o Fundador queria, foi um começo.

O Instituto continuava crescendo, mas Marcelino tinha o cuidado de não sobrecarregar os Irmãos ou comprometer os recursos além dos limites. Em 1837, por exemplo, o padre Fontbonne, outrora capelão em l’Hermitage e, nesse ano, missionário em Saint Louis, Missouri, escreveu pedindo Irmãos para ajudar no trabalho na América. Marcelino respondeu: «Todos os Irmãos estavam com inveja dos que foram escolhidos para ir à Polinésia... Gostaria de enviar-lhe Irmãos para ajudá-lo no trabalho na América, se fosse possível». A Oceânia, contudo, permaneceu durante anos a única missão.

Marcelino continuou a maravilhar-se com o crescimento da Congregação Marista em geral. Certa vez disse aos colegas sacerdotes: «Nós que estivemos no início do trabalho éramos apenas pedras grosseiras lançadas nos fundamentos. Não se empregam pedras lavradas para isso. Houve algo de maravilhoso no início de nossa sociedade. O que é mais maravilhoso ainda é que Deus desejasse tais pessoas para executar sua obra».

Marcelino cai doente

No decorrer de 1839, o Fundador sentiu-se doente. Desde a doença de 1825, sofria constantes dores nas costas. Mais tarde, desenvolveu inflamação estomacal e vomitava com frequência. De regresso de Paris em 1838, o Irmão João Batista observou: «Era fácil ver que o fim se aproximava rapidamente».

Preocupado com a situação que piorava, o padre Colin, Superior Geral dos Maristas, tomou as medidas para escolher o sucessor do Fundador. O Ir. Francisco, que aos dez anos tinha sido trazido por seu irmão para as lições de catecismo de Marcelino, foi eleito por maioria esmagadora. Os Irmãos Luís Maria e João Batista foram escolhidos Assistentes.

Nos meses seguintes, o Fundador progressivamente tornou-se incapaz para o trabalho e, depois de 3 de maio de 1840, não conseguiu mais celebrar missa para os Irmãos. Sentindo que tinha pouco tempo de vida, reuniu a comunidade e falou aos Irmãos pela última vez. Eles ficaram comovidos até às lágrimas, tão grande era o amor para com o padre que lhes servira de pai e irmão mais velho.

O fim

A morte veio para Marcelino Champagnat na manhã de um dia de sábado. A data: 6 de junho de 1840. Os Irmãos o tinham vigiado toda a noite; partiu desta para a melhor na hora em que a comunidade recitava as orações do romper do dia.

Dois dias depois, o corpo foi levado ao cemitério de l'Hermitage, não longe da capelinha do bosque de carvalhos. Seu testamento espiritual, embora não escrito do próprio punho, expressava os sentimentos de seu coração e fora lido três semanas antes, em 18 de maio. Pedia perdão a todos os que pudesse ter ofendido, expressava sua fidelidade aos Superiores dos Padres Maristas e agradecia a Deus a graça de poder morrer membro da Sociedade de Maria. Depois, voltou sua atenção aos Irmãos.

Nada havia de superficial em Marcelino Champagnat. Era apaixonado pelo evangelho. Não é de surpreender, portanto, que a obediência e a caridade fossem as virtudes que mais recomendasse a seus primeiros discípulos. Sem dúvida, foram os fundamentos da comunidade. A obediência é o sustentáculo, o amor une todas as virtudes para torná-las perfeitas. Nessa segunda situação, não deveria haver limites: Marcelino amava os Irmãos; esperava também que eles se amassem reciprocamente.

No decorrer de sua vida sacerdotal, o Fundador gostava de repetir: «Para educar as crianças devidamente, devemos amá-las, e amá-las todas igualmente». A virtude da caridade, portanto, deveria ser não apenas o fundamento da comunidade, mas o método distintivo da educação e da evangelização dos Maristas. Foi o jeito de Maria com Jesus; deveria ser agora a maneira de todos os que seguissem o sonho que seduziu esse padre do interior e seus primeiros discípulos.

O Fundador preveniu seus seguidores contra a rivalidade em relação a outras Congregações; completou seu testamento com uma síntese da espiritualidade de seus “Irmãozinhos”. Dizia-lhes: “O exercício da presença de Deus é a alma da oração, da meditação e de todas as virtudes. A humildade e a simplicidade sejam sempre as características dos Irmãozinhos de Maria. Mantenham-se em muito espírito de pobreza e desapego. Tenham uma devoção terna e filial para com Maria. Façam de tudo para que Ela seja amada em qualquer lugar. Sejam fiéis à vocação, prezem-na e nela perseverem corajosamente”.

Marcelino tomou a sério a Boa Nova de Jesus Cristo. Foi homem santo porque levou a vida ordinária excepcionalmente bem, e fez as coisas ordinárias com amor extraordinário. Depois de ter descoberto a alegria do evangelho, deixando-se transformar por ele, o

Fundador desejava partilhar com outros, particularmente com os jovens, tudo o que vira e ouvira.

O mundo em que Marcelino Champagnat nasceu em 1789 estava começando a se convulsionar com os tremores de mudança. O mundo que deixou, cinquenta e um anos mais tarde, tinha visto guerra e paz, prosperidade e agrura, morte de uma Igreja e nascimento de outra. Homem de seu tempo, carregou consigo toda a grandeza e as limitações da gente de sua idade. O sofrimento o forjou, as contrariedades o fortaleceram, a determinação o impeliu para a frente, a graça o ajudou a mover-se além das circunstâncias.

Marcelino Champagnat: «sacerdote da Sociedade de Maria, fundador dos Irmãozinhos de Maria». Apóstolo da juventude e exemplo de «cristianismo prático». Foi homem e santo para sua época; é ambos para a nossa também.

Perguntas para a reflexão:

1. As vidas dos santos tornam a mensagem evangélica mais evidente para nós. De que jeito a vida de Marcelino ajuda você a compreender e viver o evangelho mais plenamente?
2. Em seu testamento espiritual, o Fundador expressa a alegria de poder morrer membro da Sociedade de Maria. Você, olhando mais adiante para sua vida, por qual resposta ao amor de Deus desejaria poder dar-lhe graças?

Referências

- Avit FMS, Frère. *Abrégé des Annales de Frère Avit*. (Roma: Tipografia S. Pio X, 1972).
- Farrel, FMS, Brother Stephen. *Achievements from the Depths*. (Drummoyne, NSW: Marist Brothers, 1984).
- Gibson, FMS, Brother Romuald. *Father Champagnat: The Man and his Spirituality* (Rome: Fratelli Maristi, 1971).
- McMahon, FMS, Brother Frederick. *Strong Mind, Gentle Heart*. (Drummoyne, NSW: Marist Brothers, 1988).
- Sester, FMS, Brother Paul (Ed.) *Letters of Marcellin J. B. Champagnat 1789—1840* (Trans. Brother Leonard Voegtle, FMS). (Rome: Casa Generalizia Dei Fratelli Maristi, 1991).

OUTRAS TRADUÇÕES

Um coração sem fronteiras

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT

Vida e missão

Índice

Agradecimentos

Introdução

Capítulo I: “No começo...”.

Capítulo II: “Os anos de seminário”.

Capítulo III: Jovem sacerdote e jovem fundador.

Capítulo IV: O Instituto acha o caminho.

Capítulo V: A adversidade prossegue.

Capítulo VI: O crescimento continua.

Capítulo VII: Um homem e um santo para todas as estações e para todos os tempos.

Referências bibliográficas.

Traduzido pelo Ir. Aristides Zanella
Revisado pelo Ir. Virgílio J. Balestro